



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Centro de Ciências Aplicadas e Educação

Departamento de Ciências Sociais

VERÔNICA ALCÂNTARA GUERRA

“DIAGUE, RACHA” - TRAVESTIS ENTRE ZONAS URBANAS E INDÍGENAS:

LITORAL NORTE DA PARAÍBA

**Rio Tinto
Dezembro/ 2012**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAe)
Departamento de Ciências Sociais

VERÔNICA ALCÂNTARA GUERRA

**“DIAGUE, RACHA” - TRAVESTIS ENTRE ZONAS URBANAS E INDÍGENAS:
LITORAL NORTE DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba, campus IV, em cumprimento às exigências para a conclusão de curso e recebimento do título de Bacharel em Antropologia - habilitação Antropologia visual.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana de Souza Nascimento

Rio Tinto
Dezembro/ 2012

G934d Guerra, Verônica Alcântara.

"Diague-racha" – Travestis entre zonas urbanas e indígenas: Litoral Norte da Paraíba / Verônica Alcântara Guerra. –

Rio Tinto: [s.n.], 2012.

76f.: il. –

Orientadora: Silvana de Souza Nascimento.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCAIE.

1. Travestis – Sociabilidade. 2. Travestis – Identidade. 3. Travestis – Prostituição. 4. Travestis – Litoral Norte da Paraíba.

UFPB/BS-CCAIE

CDU: 391.2(043.2)

VERÔNICA ALCÂNTARA GUERRA

**“DIAGUE RACHA”- TRAVESTIS ENTRE ZONAS URBANAS E INDÍGENAS:
LITORAL NORTE DA PARAÍBA**

Prof^ª. Dr^ª Silvana de Souza Nascimento
Departamento de Ciências Sociais - UFPB
(Orientadora)

Prof. Dr. João Martinho Braga de Mendonça
Departamento de Ciências Sociais - UFPB
Membro da Banca Avaliadora

AGRADECIMENTOS

A **Maria do Carmo Alves Guerra**, que é uma mãe amiga, incentivando-me, mesmo nos momentos em que esperava sofrer uma bronca, nunca permitindo que eu desistisse de galgar caminhos mesmo que hostis, em busca do conhecimento e melhores condições de vida. Uma certeza nas palavras de *mainha*: “Crio meus filhos para o mundo”, e aqui estou, tentando desbravar os seus mistérios.

Agradeço ao poeta, pai e amigo **Inaldo Alcântara Guerra**. Com o passar dos anos e através das minhas experiências de vida, entendi e aceitei o rumo que deu às nossas vidas. O senhor nunca foi e não é o meu herói – sorte a minha, que sempre tive um ser humano a quem pude amar e admirar, aprendendo com os seus e os nossos erros.

Agradeço aos meus queridos irmãos: **Vilma Alcântara Guerra, Walter Alcântara Guerra, Wandui Alcântara Guerra, Vanusa Alcântara Guerra, Walmir Alcântara Guerra, Waldeson Alcântara Guerra, Valderi Alves Guerra, Wandeisson Alcântara Guerra e Vinícius Alcântara Guerra**, que, mesmo distantes, participaram da minha vida e contribuíram com ela, não só no aspecto acadêmico, mas em todos os momentos, dando-me bons exemplos de como estar no mundo.

À **Wanalda de Alcântara Guerra**, a Wal, uma das mulheres mais lindas, solidárias e extraordinárias que já conheci e tenho o prazer inenarrável de ter como irmã e grande amiga.

À **Cleide Bernardo e Livia Freire**, companheiras de pesquisa. Juntas, nós conversamos, nos divertimos e aprendemos em nossas idas a campo e fora dele.

Aos amigos, companheiros e companheiras que contribuíram para que esse trabalho pudesse se tornar real, em especial a **Thiago Oliveira**, e a **Profª Juliene Paiva Osias**, pois pude contar com sua inteligência e generosidade singular. A minha gratidão a vocês é inefável.

Aos *travestis, monas e bichas*: protagonistas e coadjuvantes desta pesquisa antropológica, vão os meus mais calorosos agradecimentos. Sem vocês, não poderia haver a apresentação deste trabalho de conclusão de curso.

À **Profª Silvana de Souza Nascimento**, minha orientadora, com quem compartilhei das minhas ideias, ora boas, ora estapafúrdias. Agradeço por toda a desorientação do senso comum e por me levar a pensar além dele, para consubstanciar, através de pesquisa e teorias, o nosso estudo etnográfico. Obrigada pelos incentivos ao meu recém-iniciado caminho acadêmico e por estar presente na transformação da neófito em antropóloga.

Ao Professor **João Martinho Mendonça** pela gentileza de aceitar compor a banca examinadora e compartilhar desta etapa tão importante em minha vida.

O mundo do gênero humano constitui uma multiplicidade, uma totalidade de processos interligados, e que as investigações que desagregam essa totalidade em fragmentos e, em seguida deixam de reagregá-la, falsificam a realidade.

Eric R. Wolf

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, com habilitação em Antropologia visual, apresenta um estudo etnográfico sobre as construções de gênero e dispositivos de sociabilidade acionados por travestis no Litoral Norte do estado da Paraíba, especialmente nos municípios de Mamanguape, Rio Tinto e Baía da Traição. Analisando as relações sociais estabelecidas por essas pessoas, buscamos compreender como se organizam essas redes de relações, bem como as protagonistas construíam, desconstruíam e reconstruíam suas identidades de gênero num ambiente fortemente realçado pela experiência da violência e da prostituição. Entre os anos de 2009 e 2011 utilizando-se de técnicas da pesquisa etnográfica - tais como a participação perceptiva, conversas informais, entrevistas com gravador e sessões de fotografia - buscamos nos inserir nas redes de sociabilidade travesti, de modo a poder perceber as travestis de diversos pontos de observação: suas casas, locais de trabalho, espaços de festa e lazer. Assim, a pesquisa também buscou refletir sobre o processo de inserção da pesquisadora no universo trans protagonizado pelas travestis do Litoral Norte. O estudo apontou para um processo no qual travestis, a todo momento, constroem, desfazem e reconstroem suas redes de relação afetiva, seja com amigos ou amantes, e também para um intenso processo de mobilidade que perpassa bairros, cidades da região, estados e países.

Palavras chave: Sociabilidade, Identidades, Gênero, Prostituição.

RÉSUMÉ

TRAVESTIS ENTRE LA PARTIE URBAINE ET LA PARTIE INDIGÈNES: CÔTE NORD DE PARAÍBA

Notre travail de conclusion de cours, avec une spécialisation en anthropologie visuelle, présente une étude ethnographique sur les constructions de dispositifs de genre et de la sociabilité alimentés par des travestis dans la côte nord de Paraíba, en particulier dans les villes de Mamanguape, Rio Tinto et de Baía da Traição. En analysant ces relations sociales, nous essayons comprendre comment les relations sociales sont établies et organisées, et aussi comment ces acteurs construisent, deconstruisent et reconstruisent leur identité de genre dans un milieu où les expériences de violence et de prostitution sont fréquentes. Pendant la période de recherche, de 2009 à 2011, en utilisant des techniques de recherche ethnographique - tels que la participation de perception, de conversations informelles, des entretiens et séances de photographie - nous cherchons à nous intégrer dans leur monde de relations sociales, afin d'observer les acteurs principaux sous différents points de vue de leur réalité quotidienne, comme par exemple, dans les maisons, lieux de travail, les lieux de fête et de plaisir. Notre étude a également cherché à réfléchir sur le processus d'insertion du chercheur dans l'univers trans joué, dans ce cas, par les travestis de la côte nord de Paraíba. L'enquête montre un processus dans lequel les travestis, à chaque instant, ils construisent, deconstruisent et reconstruisent leurs relations affectueuses, que ce soit avec des amis ou des amants, et aussi un intense processus de mobilité qui passe par la réalité des quartiers, des villes, des régions, des États et pays.

Mots-clés: Sociabilité, Identité, Genre, Prostitution.

Sumário

Introdução	11
CAPÍTULO 1 - A Descoberta do mundo: olhares, afetos e discussões travestis	18
1.1 - Primeiros contatos.....	22
1.2 - Construção das relações pesquisadora-colaboradoras	24
1.2.1 - Karla, primeira conversa	25
1.2.2 - Jargões como forma de segurança entre as travestis	28
1.3 "Na Batalha" - o caso de Márcia	30
1.3.1 - Do cotidiano à rua	30
1.3.2 - Casamento e família	34
1.3.3 - Morte de Márcia	34
1.3.4 - Recordações e relatos de uma mãe	35
1.3.5- Histórias análogas entre travestis	37
CAPÍTULO 2 - Travestis: variações entre ser e sentir	39
2.1 – Variações Travestis	41
2.2 – Hormônios: benefícios e algozes para as travestis	42
2.3 - Mudando de cenário: entraves e mobilidade	44
2.4 - Entre a performance e a narrativa	48
2.5 - “Diague Racha” – travestis em festa	54
2.6 – Parada LGBT da Baía da Traição	57
2.7 Aldeias indígenas: aventuras e descobertas	61
2.8 Visualidades travestis.....	65
Em busca de Considerações Finais.....	69
Referencial Bibliográfico	73
Anexos	76

INTRODUÇÃO

Às vezes elas acham que nós usa roupa de mulher, é porque tem inveja, mas não, é porque a gente se sente bem! (Karla, 2009)

A região do Litoral Norte paraibano é composta por 11 municípios, sendo as mais desenvolvidas as cidades de Mamanguape, Rio Tinto e Baía da Traição. Entre as capitais João Pessoa/PB e Natal/RN, encontra-se Mamanguape, dividida pela BR 101, via de transporte terrestre que separa a cidade em duas partes distintas. De um lado, encontra-se o centro, o comércio, a prefeitura e o hospital, e, do outro, bairros periféricos, tais como Planalto, Areal e Cidade Nova. A cidade possui cerca de 40.000 habitantes, e, devido à presença da rodovia, a prostituição é bastante comum na região por ela delimitada. Entre os principais pontos de trabalho de prostitutas e travestis que ali atuam, está o posto fiscal na divisa entre os dois estados e cabarés situados à margem da estrada que funcionam 24 horas e têm seu auge no período noturno.

Mamanguape também é uma das principais vias de acesso para Rio Tinto, cidade que foi erguida em função da Companhia de Tecidos de Rio Tinto, e Baía da Traição. A prostituição é uma atividade dissimulada no universo de 23.00 habitantes de Rio Tinto. Em levantamentos etnográficos realizados entre 2009 e 2011 na região do Litoral Norte, não foi registrada a presença de cabarés ou espaços destinados especificamente à prostituição, embora haja a prática. Segundo moradores do local, o único cabaré da cidade estava localizado na aldeia Montemor e foi extinto em 1990, com a morte de sua dona. A Baía da Traição tem aproximadamente 8.000 habitantes, e uma parte significativa de sua população é da etnia Potiguara, com economia voltada basicamente para o turismo e para a pesca em alto mar.

Nesta região, travestis têm seus espaços de trabalho, residências e casas de parentes distribuídos por espaços onde as características: rural, urbano e indígena são elásticas. Algumas se encontram inseridas em contexto indígena, morando em aldeia, e, em alguns casos, transitam entre a aldeia e a cidade, passando o fim de semana com os pais e, durante a semana, morando na cidade, onde trabalham como prostitutas. Mas também há aquelas que trabalham em casa de família e em pousadas na região litorânea. Ao pensar sobre a composição dos espaços urbanos e rurais, Silvana Nascimento (2008, p. 19) diz que é “justamente na articulação entre contextos urbanos, rurais, indígenas e

marítimos que se revela a especificidade do Litoral Norte da Paraíba, sem deixar de ser cidade e apresentar estilos de vida urbana”. Nesses espaços a interação social se dá de forma perceptível, principalmente no comércio, feiras, lojas, supermercados, bares e casas de shows na cidade e nas aldeias. As inter-relações sociais se apresentam a olho nu, sem muitos conflitos para os que vêm à cidade e para os que frequentam as aldeias, seja por lazer ou trabalho.

No Litoral Norte, o curto espaço das fronteiras aldeia/cidade/zona rural, favorecem as relações dinâmicas e de proximidade entre cidade e o campo. As travestis transitam nesses espaços, entre outros motivos: por lazer, o que inclui as festas, Paradas pelo Orgulho Gay e Concursos de Beleza, tanto em aldeias indígenas, zonas rurais e cidades na região, voltadas para o público gay/travesti, o que configura as relações de sociabilidade e lazer, onde elas se encontram, trocam informações sobre roupas, maquiagens, melhor lugar para trabalhar no momento. É também em ambientes festivos e de trabalho que elas encontram seus “ocós¹”, flertam, dançam e também trabalham como prostitutas, caso tenham oportunidade. Ao pensar os espaços, vemos que esses territórios contribuem para o conhecimento e a transmissão de sua linguagem “secreta” e suas performances corporais.

“Diague Racha - Travestis entre zonas urbanas e indígenas: Litoral Norte da Paraíba” é um estudo sobre travestis em pequenas cidades do interior paraibano, especialmente na região do Vale do Mamanguape, que teve como intuito mapear o circuito social realizado por elas e construir reflexões antropológicas a partir de seu cotidiano, sobre as construções de identidades de gênero, redes de relações sociais, prostituição e violência. Pretendeu-se aqui entender e discutir a construção da identidade do “ser” travesti a partir de seu contexto sociocultural, sem perder de foco que são apenas interpretações de segunda mão, onde busquei por meio da escrita e com auxílio da fotografia expor uma verdade sobre o outro, sem esquecer que ser porta-voz e mediadora de culturas são tarefas perigosas. Mesmo que nossos trabalhos acadêmicos não sejam puramente ficções, “eles também não são verdades absolutas – eles são ‘baseados em fatos reais’”. Ainda assim, como todos estes desconfortos, nossas etnografias estão prenhes de significado, elas transmitem e interpretam algo” (CASTRO, 2008, p. 85).

¹ No linguajar travesti “oco” é o termo utilizado para referir-se aos namorados ou maridos.

Durante 32 meses, realizei a pesquisa de Iniciação Científica (IC) que deu origem a este trabalho, tendo travestis como personagens principais. A pesquisa estava localizada em um estudo mais amplo, dentro do projeto “Entre campos, mares e trajetos: experimentos etnográficos no Litoral Norte da Paraíba”, financiado pelo CNPq, coordenado e orientado pela Profa. Dr^a Silvana Nascimento, que teve como propósito construir etnografias sobre a configuração das cidades, municípios e a multiplicidade étnica, cultural e de gênero da população da região do Litoral Norte, conforme apresentada no início do texto. A pesquisa então contava com a colaboração de três bolsistas: Lívia Freire, Luzicleide Lima e Verônica Guerra, e foi desenvolvida no espaço cronológico que corresponde a 36 meses, entre anos de 2009 a 2011.

A construção da presente etnografia é marcada por uma série de descobertas. Pensada inicialmente como apenas um exercício antropológico, com o desenvolvimento da investigação e concomitantemente com as exigências e possibilidades oferecidas pelo curso de Bacharelado em Antropologia, ela converteu-se em uma etnografia voltada à antropologia visual, propósito que não foi considerado em seu início. Pensar este texto como uma produção centrada num determinado lugar fixo e imutável consistiria, sem dúvida, num engano. Assim como nossas colaboradoras, o próprio texto é uma mobilidade. Movemo-nos entre o social e o visual, como oportunidades do campo antropológico, dialogando texto e imagem como imanências suplementares. Essa relação tem sua origem na minha paixão enquanto pessoa pela fotografia, e, em seguida, na fotografia não apenas como método, mas como objeto de investigação. Aqui, as imagens vão além daquilo que é emitido e transmitido; aqui texto-imagem converte-se em escrita. Fotografias e texto verbal são construídos enquanto enredo, narrativa fototextual em que ambos os espaços são lidos como interpretações.

É preciso advertir ao leitor que, pensando a escrita e a fotografia como exercício de leitura, interpretação e intervenção, é preciso que se considere não apenas as imagens criadas e dadas aqui como imagens prontas. Antes, elas conectam histórias de vida que se situam entre o presente, o passado e as expectativas do futuro. Assim como sugere Susan Sontag (2004), a fotografia é algo que permanece além dos atos, um registro, mas além disso é um olhar sobre um mundo, uma leitura cujos vestígios vêm da realidade.

Ao que nos diz respeito, as leituras aqui apresentadas devem ser contempladas não apenas como um jogo planejado e estável, mas como uma relação dinâmica onde as travestis são vistas não apenas pelos olhos enquanto aparelho da visão. A nossa pesquisa aponta pelo menos para dois outros lugares: primeiro, o corpo como aparelho

perceptivo, e segundo, um “permitir-se ver” das travestis na forma como se deixam fotografar pelas lentes da câmera. Há, nessa construção de “permitir-se ver”, um jogo de construção de imagens onde a pose, tão discutida no debate em antropologia visual, é, além dos argumentos clássicos, um exercício de espontaneidade.

Na relação com as travestis, o momento da fotografia converte-se num momento de espontaneidade situacional, que é distinta daquela espontaneidade das situações corriqueiras. Nota-se que a fotografia é algo desejável na medida em que se está pronta para ser fotografada: arrumada, bela, pronta para ser vista. Cabe ressaltar que essas concepções não são estáticas. O belo pode significar o erótico, o arrumado o despido. Em suma, há um ciclo que vai do nu ao vestido e vice-versa.

*

Nas pequenas cidades do interior onde desenvolvi a pesquisa junto às travestis, era sempre motivo de risos por parte de alguns conhecidos e amigos, que sempre me perguntavam: “e tem travestis nessas cidades?” A minha resposta surpreendia a todos, quando falava que sim, havia travestis não apenas nas cidades, como nas zonas rurais e aldeias indígenas na região. Não era de se espantar a pergunta frequentemente feita quando falava sobre a minha IC, que futuramente se tornaria meu trabalho de conclusão do curso em Antropologia, pois, no imaginário de muitas pessoas, as travestis eram um fenômeno estritamente metropolitano, não sendo identificado em cidades de pequeno porte, tais como Mamanguape, Rio Tinto e Baía da Traição.

Para melhor compreensão da construção das identidades travestis, entre outros aspectos, fizemos uso das narrativas, nas quais as travestis davam sentido as suas próprias histórias e trajetórias de vida, desde a infância até os dias de hoje, o que fez a pesquisa ser de cunho qualitativo. Como ferramenta de trabalho antropológica, empregou-se como método a participação perceptiva, um experimento além da observação, colocando em jogo os dispositivos sensoriais como forma de entender e entrar na realidade e cotidiano de travestis; seja em eventos festivos na região do Vale do Mamanguape e da capital João Pessoa, nos quais pude observar cerca de vinte cinco (25) travestis.

Como métodos de pesquisa, também foram efetuados conversas informais em suas casas, locais de trabalho, lazer e descanso onde foram analisados os olhares, palavras e gestos das protagonistas. Posteriormente, foram feitas entrevistas abertas, com uso de gravador, com aquelas que se mostraram mais disponíveis para pesquisa. As

entrevistas foram elaboradas de modo que pudesse haver uma interação entre a pesquisadora e interlocutoras.

O uso da câmera fotográfica foi uma ferramenta fundamental para que pudéssemos estabelecer uma melhor aproximação, já que as travestis gostavam de ser fotografadas, principalmente quando estavam arrumadas – a maioria ainda não tinha condições financeiras para possuir uma câmera fotográfica, apesar da vaidade e do desejo de serem vistas e registradas. Assim, fiz uso das fotografias como forma de entretenimento e de união entre nós, mas também como um método significativo e importante, na medida em que também constitui parte dos dados etnográficos que utilizamos para construir as análises e interpretações aqui apresentadas.

Observar e participar dos aspectos relacionais e culturais das travestis, antes de qualquer coisa, me fez refletir sobre como se constituem suas visões de mundo e inevitavelmente passei a compartilhar com elas as suas angústias, sonhos, medos e desejos. Acredito que fazer etnografia vai além de captar informações sobre o campo estudado. É inevitável não haver um envolvimento, não podemos simplesmente nos proteger atrás dos nossos caderninhos de anotações, gravadores e em algumas ocasiões das câmeras fotográficas.

*

Com o passar do tempo, principalmente na última festa da padroeira de Rio Tinto, notei que estava deixando de ser apenas a “racha²” que fotografava as travestis, pois elas agora tinham uma câmera e gentilmente pediam para que eu saísse na fotografia junto a elas. Deixei de ficar no “negativo”, para ser fotografada junto com elas. Como sugere Marcos Benedetti (2005), não podemos ir a campo com a ideia de captar informações e não deixar nada sobre nós, isso seria não estabelecer uma relação de troca. Fazer etnografia é antes é um intercâmbio de informações, e neste caso, fotografias.

Desse modo, nas fotografias aqui trabalhadas, podemos encontrar o que Philippe Dubois (1993, p. 50) chama de “categoria de ‘signos’ em que encontramos a fumaça, (indício de fogo), a sombra, (indício de uma presença), a cicatriz (marca de um ferimento), a ruína (traço do que havia ali), o sintoma (de uma doença), a marca de passos etc”. Cada um desses indícios mantém uma relação de dependência física, isso é: traço do real, que para Philippe Dubois se distingue dos ícones e dos símbolos, o

² Nome usado para as mulheres por parte de algumas travestis e homossexuais.

primeiro consiste no ilusionismo mimético (espelho), já o segundo faz referência a transformação do real, usada pelo fotógrafo segundo determinadas intenções codificadas, por tanto, “a foto é *em primeiro lugar índice*. Só depois ela *pode* tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (simbólico)” (p. 53, grifos do autor). Assim, poderíamos entender as imagens fixas das travestis em pose como dispositivos simbólicos que potencializam uma fisionomia feminina?

Para que as fotografias expostas neste trabalho possam configurar o texto, dando-lhe um sentido interpretativo de uma realidade não empírica - e sim, há a união de códigos, símbolos de feminilidade por parte das travestis - serão apresentadas pranchas com conjuntos de imagens que dialogam com o texto escrito.

Devo advertir ao leitor que por mais inspirador que tenha sido conhecer a obra *Balinese Character* (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead, neste trabalho não sigo a proposta científica, estética e teórica onde Mead e Bateson relacionam as informações contidas nas imagens através do texto, fazendo uma descrição detalhista, que em muitas ocasiões nos transportam para a cena fotografada, e num sentido quase sinestésico, nos leva a participar não só dos rituais por eles fotografados e filmados, mas também para o cotidiano dos balineses.

Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas e matando a outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo da imagem que promete sobreviver a todos nós. (SONTAG, 2004, p. 22).

Pretendo, através das pranchas, conduzir o leitor para descobrir um mundo ainda não desbravado. Por meio das imagens e da escrita, poderemos não só conhecer o universo travestis e os lugares que elas ocupam na sociedade, mas observar a performance e a inserção em um mundo desconhecido, o mundo do outro – de uma estudante de antropologia, descobrindo as delícias e os temores de estar em campo – que vai do oculto nas primeiras fotografias, ao exposto nas últimas, transitando entre o “diague³ racha” e sentimento de amizade.

As pranchas da 1ª a 11ª, estão repletas de significados, grosso modo, diria que é uma tripartite de sentido, a primeira encontra-se a *mise en scène* dos personagens fotografadas, a situação e a posição do corpo fotografado são o que as travestis desejam transmitir, em seguida vem a *mise en scène* da antropóloga fotógrafa com seus ângulos,

³ Entre as travestis o termo diague, significa: isola, coisa chata ou indesejada.

planos, enquadramentos e escolhas das fotografias; o primeiro e o segundo estão, pelo menos de forma aparente, em conexão próxima. Em terceiro lugar encontra-se o espectador, seus significados são plurilaterais, repletos de subjetividades que perpassam suas experiências de vida.

Na **prancha 1**, podemos observar a segunda casa que as travestis residiram em Mamanguape, bem como suas moradoras, Karla e Raissa. Márcia também morava nesta casa, veremos fotografias dela mais adiante na **prancha 2**, fotografias de Márcia no viaduto de Mamanguape, a caminho do trabalho. Na **prancha 3**, podemos entrar e explorar a decoração juvenil da casa onde as travestis moraram. Na **prancha 4**, conseguimos ver a irmã de uma das travestis com seu bebê recém-nascido no colo e de como este acontecimento mexeu com as emoções de Raissa, que construiu um berço com uma caixa de madeira, ornamentou e pôs uma boneca dentro – representações de uma feminilidade desejante, de uma vontade de gerar.

Na **prancha 5**, foi realizada uma sessão fotográfica nos quatinhos alugados pelas travestis Márcia e Natasha, ambas expuseram o corpo da maneira que se sentiram mais a vontade. Na **6**, Karla e Raissa foram a João Pessoa ver a exposição fotográfica “Variações do feminino”, onde a imagem de Márcia sobreviveu ao seu corpo físico. Na **Prancha 7** observamos travestis em uma das festas tradicionais da região, festa da padroeira de Rio Tinto, Santa Rita de Cássia. Nas **pranchas 8, 9, 10**, percebemos outra etapa do conhecimento antropológico, as Paradas pelo Orgulho Gay na Baía da Traição, e a descoberta das travestis em aldeias indígenas. A **prancha 11** possui as fotografias que considero mais significativas, se é que posso pensar assim, nelas podemos observar um ciclo da transformação corporal de Raissa, (foto da foto) de criança a adolescente e finalmente o tão desejado corpo travesti, ou de “mulher com *trôxa*⁴”. Quero deixar claro para o leitor que antes de tudo, este trabalho é um experimento etnográfico, que busca refletir sobre (des) construções de identidade de gênero e sociabilidade, cujas ferramentas são: texto, imagens e a subjetividade de cada pessoa, sejam: leitores ou os indivíduos que compõe esta pesquisa.

⁴ Raissa certa vez me falou que se sentia uma mulher, mulher com trôxa, mas uma mulher. Isso quer dizer que ela se sente mulher mesmo que biologicamente tenha um pênis.

CAPÍTULO I – A DESCOBERTA DO MUNDO: OLHARES, AFETOS E DISCUSSÕES TRAVESTIS

Sim, fui fisgada pela empatia em meu trabalho de campo. Quando Roberto da Matta (1981, p. 157) escreveu que “vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes formas: (a) *transformar o exótico em familiar* e/ ou (b) *transformar o familiar em exótico*”, esqueceu de mencionar que essa transformação entre os antropólogos e seus interlocutores, atinge a esse profissional, quando ele deixa de ser um neófito e passa a fazer o seu trabalho em seu escritório, biblioteca ou quarto. Nessa ocasião, descobrimos que não temos controle sobre nossas emoções e que, diferente do que se pensa, não estamos sozinhos ao escrever, tarefa que requer de nós o exercício mais perigoso e cabal de nossas reflexões sobre o ‘outro’. Tudo que acontece na pesquisa de campo tem autonomia e se estabelece através das relações, interações e inter-relações pelas quais as pessoas envolvidas estão experienciando – e “acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver em uma doce ilusão.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 24)

Ao compartilharmos a rotina, as relações com familiares e vizinhos de nossas interlocutoras, acabamos trazendo-as para a nossa vida e elas acabam monopolizando os assuntos de nossos encontros sociais para além do trabalho de campo. Por isso, no *antropological blues* “trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos *extraordinários*, sempre prontos a emergir em todo relacionamento humano”. (Da Matta, 1991, p. 156). Quando finalmente fui batizada, pelo que muitos chamam de “ritual de passagem”, isso é, o trabalho de campo, descobri que por mais que saibamos sobre o treinamento do antropólogo ou de como os aspectos extraordinários podem vir a emergir (quando menos esperamos), dificilmente estamos preparados para problematizar e processar em nós mesmos a relativização antropológica e o afeto que faz parte dos relacionamentos humanos.

Quando Luiz Fernando Rojo Mattos (2005, p. 29) problematiza sua relação sexual com uma frequentadora da comunidade de naturismo “Colina do Sol”, no Rio Grande do Sul, com a qual defendeu sua tese, cita Dubich ao falar sobre o decorrer do trabalho de campo, onde:

Fazemos quase tudo como os nossos ‘informantes’, compartilhamos suas vidas, comemos com eles, assistimos aos seus rituais, tornamo-nos parte de suas famílias, até mesmo amigos próximos e algumas vezes, estabelecemos contatos de longa duração. Ao mesmo tempo nós o ‘usamos’ para atingir nossos objetivos, escrevemos e falamos sobre aspectos pessoais e mesmo íntimos de suas vidas, apropriando-nos destas vidas para nossos propósitos profissionais.

O que me inquietou eticamente não foram as relações sexuais, diga-se de passagem, inexistentes entre mim e as travestis, mas a forma pela qual me apropriei de suas vidas, particularidades a mim confidenciais. Externar essa relação me “deixa muitas vezes em uma situação de tal desconforto, ou melhor, ainda [...] um indefectível mal estar ético” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004, p. 23).

Por mais ética que considero ter sido minha pesquisa ao longo de sua realização, é inevitável o “mal-estar”, por expor, manifestar, colocar em evidência, trazer à luz vidas ordinárias e extraordinárias de travestis que moram no Litoral Norte da Paraíba, para fins estritamente acadêmicos. Percebo ir além do trabalho do antropólogo em “olhar, ouvir e escrever”, (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998), pois discuti, aconselhei, fui aconselhada – experiências que fizeram meu modo de enxergar o mundo obter outras tonalidades. Por isso, sinto o vazio dos românticos e, acima de tudo, me sinto desonesta com as pessoas que me abriram as portas de suas casas, salões de beleza, quartinhos e passaram tardes compartilhando suas experiências de vida, histórias, sentimentos, sonhos, desejos, medos, alegrias e tristezas.

Ir a campo, conhecer as histórias das travestis e sentir restrições por parte de uma travesti a minha presença em sua residência, foram situações que me fizeram refletir sobre o meu próprio papel e o quanto estava sendo invasiva, entrando em lugares onde, a princípio, não era completamente bem vinda, apropriando-me das histórias do outro, a ponto de não saber ao certo definir com exatidão *de quem é essa história*. Minha ou das travestis? Se, por um lado, a história pertence às travestis, por outro, também não deixa de ser minha, já que também as reproduzo. MacDougall (1997), ao falar sobre o incômodo por parte dos antropólogos e realizadores de filmes sobre a preponderância incontestável da voz do autor nas produções etnográficas, fizeram com que repensassem sobre o nativo, e começassem a dar mais abertura em seus trabalhos para a voz do até então chamado “objeto nativo”, estabelecendo, desse modo, uma tendência a favor das construções dialógicas. Isso me ajudou a refletir sobre o nivelamento destas narrativas. Afinal, quais eram as vozes nas histórias?

Percebi, então, que, sendo a relação entre pesquisadora e travestis uma construção dialógica, essas mesmas histórias estavam submetidas a um regime de alternância, ora simétricas, ora assimétricas. Levar a cabo esse tipo de reflexão e possibilidade implica assumir o que, de acordo com o Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), é um direito das populações pesquisadas: autoria e coautoria sobre suas próprias produções culturais. Ao considerarmos as narrativas das travestis produções culturais próprias, reconhecemos que, no nosso caso, a escrita do texto etnográfico é um processo de coautoria, que, por sua vez, está submetido a esse regime de alternância dialógica. Se, por um lado, é a pesquisadora que conta para um determinado público (o acadêmico, via de regra) suas experiências, por outro, se não são os pesquisados a possibilitarem esses conhecimentos, são eles próprios que têm a “ação” de narrar, por sua vez, suas histórias a públicos outros.

Apesar de reconhecer a legitimidade da coautoria, é preciso também considerar que a ética no trabalho de campo se constitui como uma ética discursiva, como sugere Roberto Cardoso de Oliveira (2004), inspirando-se em Foucault. Nesse princípio de ética discursiva, são as relações estabelecidas entre autor com seu coautor (em que uma destas partes é também o pesquisador) que ditam as fronteiras da pesquisa, inclusive, o que pode ser considerado “ético” ou não, “particular” ou não. Há nessa relação um nível de consciência e confiança entre ambas as partes, que ainda que não seja nivelada e cartesianamente tomada como racional, se processa na prática.

Nessa medida, certas “rotinas oficiais” são apenas um praxe acadêmico que se reduzem na intensidade das relações entre os envolvidos. Como exemplo, a relação estabelecida entre Karla e eu. Certo dia, ao pedir sua autorização para o uso da imagem neste trabalho de conclusão de curso, escutei de Karla as seguintes palavras: “Ah, minhas fotos? Pode fazer o que quiser, confio em você”. Nesse momento, a própria confiança dos nomes de registro civil, masculinos, se constitui como uma relação de confiança que ultrapassa as práticas burocráticas.

Durante o desenvolvimento e mesmo após o término da percepção de campo, estabeleci relações que não se consubstanciam apenas na prática da pesquisa, mas que fluíram também para a amizade com minhas colaboradoras. Nesse ínterim, pensar o trabalho etnográfico e suas vicissitudes como uma ética discursiva me fez pensar em que medida nós também interferimos e somos afetados pelos laços que estabelecemos.

Meses depois da pesquisa ter hipoteticamente chegado ao fim, estive novamente com algumas das travestis que acompanhei, em especial, Brenda. Nossa conversa fluiu

como de costume, rimos juntas, ensinei a usar seu novo celular, presente de um cliente, conversamos abertamente, respondi perguntas sobre a minha homossexualidade, coisa que nunca fizemos durante a pesquisa – porque não havia me sentido aberta para expor tal fato e por achar que poderia me causar algum contratempo – e ela falou sobre a sua irmã lésbica que mora no Rio Grande do Norte: “ela é bem bonita, visse?... E tá louca para te conhecer”.

Passado algum tempo entre risos e conversas, pedi para Brenda ir comigo até a BR – como de costume, eu estava de bicicleta e fomos caminhando pelas ruas sem asfalto, repletas de pedras, buracos e com esgoto a céu aberto – e, ao nos aproximarmos da BR, uma moto com dois rapazes parou do nosso lado. A primeira coisa que ouvi foi: “Eu tava mesmo procurando por você” – dirigindo-se a Brenda, e continuou dizendo: “Que negócio é esse... que você disse que ia me pegar?⁵”. Confesso que senti medo, imaginei que ia presenciar um episódio de violência, tantas vezes narrado pelas travestis, me afastei e fiquei observando por longos segundos – o tempo parou – passaram-se várias coisas pela minha cabeça, entre elas: não interferir nos relacionamentos dos “nativos”, fazer uso da relativização cultural, algo muito ensinado no curso de Antropologia. No entanto, eu não estava ali no papel de pesquisadora, estudante de antropologia, e sim como amiga e, imediatamente, me aproximei para intervir no que estava ocorrendo. Ainda bem que não se tratava de alguma discórdia intensa, daquela que causa violência física ou morte.

Pouco depois desse episódio, soube que outra travesti foi assassinada a tiros, por motivos desconhecidos, e por pessoas até então não identificadas, no posto de Fiscalização da divisa entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Brenda perdeu mais uma amiga vítima da violência. Neste caso, ela estava no local e viu todo o desenrolar da ação: sua amiga sendo assassinada por atiradores de dentro de um carro branco, sem placas e com vidro fumê: “Ela correu para onde nós estávamos, pedindo para que não a deixássemos morrer”.

Enxergar-me de fora da “capa de antropóloga” fez com que refletisse sobre essa *capa*, será mesmo que um dia cheguei a usá-la? E, se usei, quando ela caiu? O que a fez cair? São perguntas que estão acompanhando os meus dias, e para elas ainda não obtive resposta alguma.

⁵ Nesse sentido, a palavra “pegar” diz respeito a alguma revanche, vingança ou revidar de forma violenta de algum acontecimento.

1.1 Primeiros contatos

O observador participante tem oportunidade não apenas de mostrar um olhar de aceitação quando esta ouvindo um informante, mas deve também ter o cuidado de mostrar o mesmo olhar quando observar o indivíduo conversando com outros. Erving Goffman

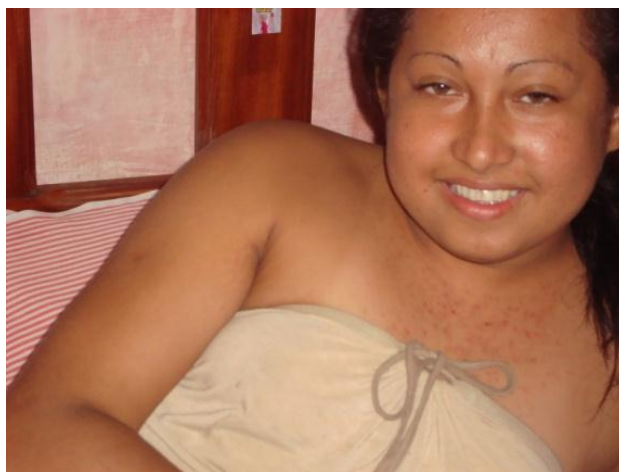
A primeira vez que fui a campo no bairro do Areal, na cidade de Mamanguape, me senti como uma neófito, ícone tão falado por Roberto Da Matta (1987). Uma neófito que estava dando o seu primeiro mergulho em um mundo desconhecido, não sabia como me comportar, o que falar e como agir. Os meus medos me trouxeram uma certeza em campo: *ouvir* é fundamental para se estabelecer uma relação agradável tanto para os interlocutores, quanto para a pesquisadora, e “ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 24).

Acompanhada por mais dois colegas de pesquisa, Silvana Nascimento, minha orientadora, e Jefthe Sarmiento, na época, aluno de Antropologia, que nos ajudou a fazer a primeira inserção em campo, nos dirigimos para a casa onde moravam três jovens travestis: Márcia, Raissa, Karla, travesti da etnia Potiguara. Caminhamos os três juntos pelas ruas esburacadas de aspecto áspero, com esgoto escoando ao lado do meio fio, até o bairro do Areal. Durante o percurso, Jefthe nos falava sobre travestis mamanguapenses que estavam na Europa e sobre a travesti Márcia, que iria se submeter à ingestão de hormônio, que seria aplicado por Nando, técnico em enfermagem e dono do salão de beleza do bairro. Depois de uma longa caminhada, chegamos ao Areal. Seguimos primeiro para o salão de beleza onde Nando nos recebeu com muita amabilidade. Ficamos conversando sentados em cadeiras próximas à calçada, enquanto falávamos sobre analfabetismo, violência, entre outros assuntos que envolviam as travestis na região e da vontade que Nando tinha de voltar a estudar, especialmente na área de saúde.

Logo depois, fomos à casa onde moram duas travestis juntamente com a família de Raissa, outra travesti. Ficamos na porta, enquanto Jefthe chamava por Márcia e, ao nos ver do lado de fora, por uma fenda na porta, exclamou as seguintes palavras: “*Diague, eu tô gongada*”⁶. Até então, eu não entendia o significado de tais palavras, não

⁶ *Diague* quer dizer: isolar algo que não é agradável. *Gongada* significa desarrumada, bagunçada.

Prancha 1: A esquerda: Karla, fotografia da nossa primeira conversa. A direita Raissa, filha (travestis) dos arrendatários da residência



Mamanguape, 2009

sabia o que Márcia queria nos dizer. Foi então que Jefthe nos disse: “Ela vai se arrumar e encontra com a gente lá no salão de Nando”. Deu-se dessa forma o meu primeiro contato com Márcia. Ela se sentiu intimidada pelo fato de não estar arrumada e propôs nos encontrar no salão de beleza, para que pudéssemos conversar mais à vontade. Nesse salão, circulavam várias travestis da região.

Durante o tempo em que esperávamos Márcia, eis que surge Brenda, uma travesti “*fechosa*”⁷. Brenda, como muitas travestis na região, era analfabeta. Contou-nos que, certo dia, foi até uma das escolas públicas da região para matricular-se. No primeiro dia de aula, a professora a chamou pelo nome civil, mas ela retrucou, dizendo: “Sou eu, mulher! Não tá vendo? Aí ela disse que eu não era eu... Ela num era cega que não que viu que eu sou uma travesti... Isso é preconceito, nunca mais voltei”.

Logo depois, vinha caminhando pela rua uma pessoa que chamava toda a atenção para si, de sandália rasteira, minishort jeans azul, blusa tomara-que-caia vermelha, pulseiras e colar combinando com a blusa, unhas grandes e escuras, contorno negro nos lábios juntamente com um batom vermelho, olhos delineados, sobrancelhas feitas, cabelos soltos. Era Márcia. Márcia chama a atenção pelas suas características físicas e, mesmo morando há quase três anos no mesmo bairro, sempre prende, por alguns instantes, o olhar dos espectadores na rua. Conversamos por um longo tempo, ela contou sua história de vida, ou o que desejasse que conhecêssemos. Retomarei o que foi dito no item: **“Na batalha”: o caso de Márcia.**

Ao voltarmos para casa, dessa vez fazendo um percurso maior, conversamos sobre os códigos de linguagem, que, de acordo com Jefthe, muitos são de “origem homossexual”. Quando chegávamos próximo ao ponto de táxi no centro da cidade, fomos surpreendidos por um senhor aparentemente bêbado que gritou: “Num sei por que viado só anda com mulher bonita, esses viados devia morrer”. Confesso que senti meu coração bater forte de medo, imaginei que aquele homem fosse nos agredir fisicamente, porque simbolicamente ele já tinha feito, mas nada aconteceu e fomos para Rio Tinto. E assim se deu minha primeira experiência de campo.

1.2 Construções das relações pesquisadora-colaboradoras

Um garotinho de 9 anos, me perguntou o que significava preconceito e eu não soube dizer o que era (Márcia 28/04/09)

⁷ Travesti que chega de maneira brusca, falando alto, sem papas na língua.

Estávamos Márcia e eu sentadas na varanda que ficava na frente de sua residência, Raissa de pé ao lado da porta, enquanto Karla estava no quarto. Conversávamos de forma amistosa, quando Márcia parou, refletiu um pouco, notei que queria perguntar algo, mas estava com vergonha. Expliquei que podia ficar à vontade para perguntar o que quisesse. Foi, então, que ela disse: “Me fizeram um pergunta e eu não soube responder. Um garotinho de 9 anos me perguntou o que significava preconceito e eu não soube dizer o que era”. Notei naquele instante que nada do que eu dissesse explicaria o que significava ser estigmatizado, julgado e condenado, sensações essas que perpassam pela construção da identidade do “ser” travesti. Senti dificuldades para dar uma resposta simples e de fácil compreensão, uma vez que as minhas anfitriãs são semialfabetizadas. Falei que preconceito é quando alguém fala mal de algo diferente, em seguida ela pediu para que eu escrevesse em um pedaço de papel.

Quanto mais o tempo passava e a pesquisa seguia, fui notando cada vez mais a importância das trocas simbólicas. O simples fato de elas saberem que eu carregava na bolsa uma câmera fotográfica fez a conversa tomar outra vertente: “Deixa eu te mostrar umas fotos minhas”. Márcia entrou no interior da casa, trouxe nas mãos um álbum de fotografias e um porta-retrato que ficava na cabeceira de sua cama. Na maioria das fotos, ela estava seminua ou despida, em posições completamente eróticas, com fantasias de coelhinho e da “Tiazinha”⁸. Pelo fato de elas não estarem arrumadas como gostariam de estar, Márcia e Raissa não permitiram que eu as fotografasse naquele momento. Foi então que ela me deu uma fotografia. Notei, nesse instante, que as nossas relações estavam se estreitando.

1.2.1 Karla, primeira conversa

Paciência é um fator essencial para quem faz etnografia. Durante meses, Karla não se aproximava de mim, nem fazia parte das conversas que eu tinha com as outras duas amigas e companheiras de casa. Em meu lugar, sempre respeitei sua posição e nunca fiz questão de mudá-la ou impor uma relação que não fosse recíproca.

Era uma tarde quente como de costume. Dia 03 de agosto de 2009, segui para o bairro Areal e dirigi-me primeiro para o salão do Nando, mas, na ocasião, ele estava com uma cliente, por isso apenas o cumprimentei, não quis atrapalhar o seu trabalho.

⁸ Um personagem que ficou famosa por fazer depilação em homens, usando uma máscara e um chicote num programa de TV na década de 1990.

Segui, assim, para a casa de Raissa. Ao chegar à casa de Raissa, fui recepcionada por uma voz um tanto hostil, por parte de sua mãe: “Quem é?” “Sou eu, Verônica.” Ao abrir a porta, logo pude ver o pai de Raissa deitado na cama que fica na sala. Entrei e fui ao encontro da Raissa, que estava arrumando as coisas da amiga Márcia, que havia ido visitar os pais na zona rural de Mataraca.

Conversamos sobre o fim de semana, Karla disse que foi tranquilo, tinha ido à casa da sogra e ganhado dois ursinhos de pelúcia da cunhada. Perguntei sobre Karla, e ela respondeu que estava morando no quartinho ao lado de sua casa com o marido: “Eles só brigam, que nem eu com o meu marido”. Convidei-a timidamente para ir comigo ao encontro de Karla, pois fiquei sem jeito de ir sozinha, já que ela não gosta muito das rachas, considera-as “tudo falsa”. Saímos da casa e logo demos na frente da porta do quartinho de Karla.

Raissa: Karla, mulher, abre a porta!

Karla: Tu tais só?

Raissa: Não, eu tô com uma racha!

Karla: Eu tô nua!

As fendas da porta eram tão grandes que dava para ver o interior do quarto.

Raissa: É mulher... Eu tô vendo, depois tu vai lá em casa, visse!?

Retornei com Raissa para a casa dela, sem esperança de que Karla viesse ao nosso encontro. Mas, passados alguns minutos, Karla chega cheirosa e com um short curtíssimo.

Verônica: Nossa, como você tá cheirosa!

Karla: (risos)

Ela sentou-se ao meu lado na cama de Márcia. Perguntei-lhe sobre o fim de semana.

Karla: O meu não foi muito bom, não!

Verônica: Por que, mulher?

Karla: Briguei com meu marido [por ciúmes], aí ele pensou que podia bater em mim, mais tava muito enganado (...) o ciúme de um homem com uma travesti é duas vezes mais forte do que entre um homem e uma mulher!

Violência tanto física quanto simbólica motivada pelos ciúmes tanto por parte do companheiro, quanto das travestis foram muito presentes durante toda a pesquisa. Segui conversando com Karla, que expôs sua opinião sobre o que levava os homens a se relacionarem com as travestis, segundo ela: “Os homens, não todos, mas as maiorias

procuram as travestis porque tem coisas que a mulher não tem... E várias vezes, várias vezes não... Em todos os sentidos são mais carinhosas do que as mulheres (...) o carinho é duas vezes mais que a mulher”. Já para Raissa, os homens procuram as travestis porque elas são “mais bonitas, parece com mulher”. Karla continua dizendo:

No caso do meu marido... Ele era casado, tinha a família dele, diz ele que nunca tinha ficado com travesti, e aí, aconteceu da gente ficar. Ele foi morar comigo, conheci ele em uma quinta feira e no sábado ele foi morar comigo e deixou a mulher dele para ficar comigo, mas assim, se ele quisesse sentir prazer, ele tinha com a mulher dele, no caso, se ele quis ficar comigo é porque ele queria algo diferente, assim, tanto ele me penetrava, com eu penetrava ele, ficava assim, vivia assim; mais por comentários, eu comentei isso para minhas amigas de confiança, Raissa e Márcia! Ai Márcia começou a chamar o nome dele mais como o de mulher, e hoje em dia a gente não pratica mais isso e a relação da gente piorou.

Nesse caso, Karla se refere ao comentário da amiga sobre a relação sexual dela com seu marido, que a deixava penetrá-lo. Na maioria das vezes, os maridos ou namorados de travestis se veem como heterossexuais, e os comentários de que suas namoradas os penetram não os agradam. De acordo com Perlongher (2008), muitos dos namorados/maridos das travestis preservam a inteligibilidade de uma orientação sexual, heterossexual, o que frequentemente faz com que tenham atitudes violentas – homofóbicas – contra suas companheiras travestis, caso elas comentem que eles permitiram ser penetrados. Segundo Raissa, “Não tem que falar isso a ninguém (...). O que acontece entre eu e meu marido, eu não conto pra ninguém, não!”.

Karla: Ele disse: ‘Oh, só aconteceu isso entre a gente’, [dele me penetrar e eu penetrar ele] porque ele disse que me amava de verdade. Mas eu não acredito, não, isso é o homem que tem vontade de dar, mas não procura um homem e vai atrás de uma travesti, é isso que eu tava falando, eles procuram um travesti porque a mulher não tem o que eles querem.

Raissa: Todos os homens que ficam com travesti querem ser penetrados!

Karla: Quando você vê um casal de uma travesti com homem é porque ele é [homossexual] também, pode ter certeza!

Raissa e Karla compartilham da mesma ideia de que “namorado de travesti é gay e gosta de ser penetrado também”. Além do carinho, o sexo é um grande diferencial da mulher e da travesti. O sexo, seja ele exercido como forma de trabalho como prostitutas ou com seus companheiros, é um fator significativo para a composição do gênero das travestis que, em alguns casos, são fluidos, dependendo de como o sexo é

realizado. Se a travesti sentir-se “viril”, corresponde ao gênero masculino, quando passivas, característica do gênero feminino, sentem-se desejadas e femininas. Enxergar o companheiro como sendo viril ou másculo, também contribui para a composição da identidade travesti, isso faz com que muitas delas, não todas, se sintam mulheres e, a cada dia que passa, queiram tornar o corpo mais “feminino” possível.

Ao levantar uma questão sobre namorados de travesti, Don Kullik (2008), relata que as travestis não gostam de penetrar os seus namorados e, caso isso venha a acontecer, é porque o companheiro quer, de alguma forma, segurar o relacionamento que está gasto. Karla discorda dessa abordagem homogeneizada, por parte do autor no que diz respeito às travestis e seus namorados e maridos. Para ela, travestis gostam também de penetrar seus companheiros.

Mentira [risos], tem como não (...). Às vezes tem gente que me pergunta e eu minto, mas, na verdade, não, não tem como. Se você vê um casal, travesti com um homem, pode ter certeza, que aquele homem também é, é penetrado pela travesti. Até hoje eu custo a acreditar, só tem uma travesti, Bruna de Piquiri, que disse que morou mais de dez anos com um homem e que ela nunca penetrou ele, é mentira! A terceira vez que eu fiquei com meu marido eu penetrei ele.

Ao passo que Karla nega a possibilidade de uma relacionamento estritamente passivo por parte das travestis, admite que só penetra o companheiro por iniciativa dele, pois, “se fosse por mim, eu era mais fazer com homem de fora, com meu marido, não. Eu queria que só ele me penetrasse, só que ele se sente bem eu penetrando ele, então, para ele não procurar outra travesti na rua, é bom eu mesmo penetrar, tá entendendo?”

Os relacionamentos das travestis com seus companheiros são muitas vezes pendulares, vaivém: eles brigam, se separam, têm outras relações e depois retomam o relacionamento antigo com o marido. Seu fim geralmente só é marcado por uma viagem para um lugar distante por parte da travesti ou do companheiro, ou quando, entre essas idas e vindas, encontram outro marido, com quem passam a morar juntos.

1.2.2 Jargões como forma de segurança entre as travestis

No que concerne às reflexões de Goffman (2008, p. 12) “a expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividades significativas: a expressão que transmite e a expressão que emite”. No que compete à primeira, fazendo uma analogia com as

travestis, muitas vezes usam a comunicação de maneira artilosa, próprias de um grupo, o qual compreenderá com mais clareza o que esta sendo transmitido. Já a segunda, o que nos permite remeter não só as ações sociais, mas também as ações e maneiras com que as travestis se posicionam socialmente para emitir o que “os outros podem considerar sintomáticas do ator”, podem ser usado para transmitir “informação falsa intencionalmente por meio de ambos estes tipos de comunicação, o primeiro implicando em fraude, o segundo em dissimulação” (*ibidem*).

Certa vez, Raissa disse que eu estava “bem rachinha”. Isso me despertou o interesse de saber mais sobre os jargões que frequentemente apareciam em nossas conversas. Pacientemente, Raissa me explicou alguma das palavras que ela mais usava. Enquanto isso, eu as anotava em meu caderno de campo. Raissa começou a falar e a gesticular, usando apenas os jargões, depois disse que algumas travestis não gostavam de ensinar o que significavam muitas das palavras que elas falavam, mas, para mim, não tinha problema e, de maneira calma, começou a explicar primeiro o que era “ocó” (homem), “bofe” (homem bonito), “mona” (travesti), “racha” (mulher) “acuenda” (sexo), “acué” (dinheiro), gongação (risadas de deboche/ desarrumada), “erezinho” (criança), “diague” (palavra negativa), “elza” (roubo/ furto). Tais termos e seus significados estão de acordo com a lógica de Raissa, pois podem mudar seu sentido de acordo com o contexto em que são inseridos.

Muitas das travestis usam palavras retiradas da linguagem de religiões afro-brasileiras, indígenas e de formação própria, como diz Jefthe Sarmiento. Há palavras de origem homossexual, para tecerem em seu próprio vocabulário, como forma de interatividade e proteção no âmbito do trabalho como prostitutas. Kelly, travesti da aldeia indígena que trabalhou como prostituta na Itália, disse que lá era muito comum as travestis fazerem ameaças a outras travestis por meio desse vocabulário e de alertar sobre clientes que davam a *elza* nas travestis. As ameaças se davam da seguinte maneira: uma travesti vai até o seu desafeto e diz: “Já, já tá chegando um doce para você!” Esse *doce* significa que alguém vai chegar para dar uma surra em outrem. Já aqui os alertas se dão da seguinte forma: “Mona, cuidado, o bofe dar a elza!” Isso acontece quando um potencial cliente que já havia roubado outras travestis aparece no ponto e pede para uma travesti entrar no carro dele.

Uma das travestis que não gostava que as palavras de seu dialeto fossem ensinadas, principalmente para as rachas, era Karla, pois, para ela, “racha é tudo falsa, fala com a gente, depois fica rindo pelas costas”. Tal concepção fez com que Karla não

se aproximasse de mim durante meses, por pensar que iria *gongá-la*. Com o passar do tempo, certa de seis, nos tornamos mais próximas e tivemos longas conversas juntas.

Entre uma palavra e outra deferida pelas travestis, elas se ameaçam, se *gongam* e se protegem.

1.3 “Na batalha”: o caso de Márcia.

Se por um lado, é difícil saber se a morte de uma travesti foi causada por Aids, por outro é muito fácil saber quando a morte decorre da violência. O Brasil é uma sociedade violenta. Don Kulick (2008)

Márcia foi a primeira travesti com quem tive contato, na cidade de Mamanguape, no início de 2009. Desde o primeiro encontro, durante a pesquisa de campo e conversas em sua casa, sempre foi simpática e atenciosa. Em nossas conversas, sempre a ouvíamos falar que “gostava de ajudar os outros”. Seu grande sonho era ajudar seus pais e voltar a estudar. Em busca desse sonho e do desejo de tornar seu corpo mais belo, mais feminino, resolveu seguir seu caminho para Recife e ganhar dinheiro. Mas, poucos dias depois, foi brutalmente assassinada, como muitas outras jovens travestis vítimas da violência e da homofobia/ transfobia.

Travesti da cidade de Mataraca, Márcia morou em Mamanguape cerca de três anos e meio, com amigas travestis que também “batalhavam” no posto de fiscalização da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. Ela sempre fazia questão de contar sua história de vida, seus desejos e sonhos. Em suas narrativas, era possível perceber o carinho pela família que sempre visitava nos fins de semana e feriados. Um dos desejos de Márcia era que fosse feito um livro com suas histórias e experiências de vida. A vida nunca foi um “mar de rosas” para essa jovem travesti que foi abusada aos 6 anos e expulsa da casa dos pais na zona rural da cidade de Mataraca, quando tinha apenas 12 anos. No entanto, a violência nunca tirou dela a capacidade que tinha de sonhar e galgar uma vida melhor, tanto para si, quanto para sua família.

1.3.1 Do cotidiano à rua

Tem gente que vê a gente assim toda arrumada e cheirosa, pensa que a gente teve um dia maravilhoso, mas tu viu como foi. (Márcia, 03-10-09).

Márcia morava com a família de Raissa na cidade de Mamanguape. Na época, Raissa tinha 17 anos e era casada com Zequinha, rapaz de 18 anos que não trabalhava e passava todo o dia na casa da mãe. Márcia era a única que efetivamente contribuía para a alimentação das oito pessoas, com o trabalho que exercia como prostituta. Alberto, patriarca da família de Raissa, estava desempregado e passava boa parte do dia bêbado. Raras eram as vezes em que Márcia não ia “batalhar”⁹ no posto fiscal na divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, que é um expressivo ponto de prostituição de travestis e mulheres, em virtude dos caminhoneiros pernoitarem em suas cabines, facilitando, assim, a prostituição. Segundo Márcia, ela havia optado por esse ponto não apenas pela “comodidade”, mas porque, segundo ela, Mamanguape tem uma má fama, “porque as travestis daqui rouba e eu não faço isso”.

Por trabalhar durante a noite, Márcia dormia boa parte do dia e, certa noite, ao visitar seus pais na zona rural de Mataraca, foi mordida por um cão, sendo, assim, levada ao hospital de Mamanguape, onde foi medicada, retornando para a casa onde morava no bairro do Areal. Passou o dia posterior à mordida do cachorro descansando e cuidando da beleza, com cabelos frisados e touca na cabeça para deixar o cabelo liso; fazendo as unhas; retocando as sobrancelhas; ouvindo músicas da Banda Calypso (pois era muito fã da cantora Joelma), assistindo ao filme Mundo dos Macacos em DVD na sala de estar e, de vez em quando, tecendo comentário sobre a história encenada e dos atores da ficção.

A rotina da família era bem dinâmica, com crianças correndo de um lado para outro, brincando, brigando e chorando em um pequeno espaço físico. Alberto, pai de Raissa, estava bêbado como de costume, xingava todos que residiam na casa, episódio esse que aumentava a tensão dos que lá estavam presentes. As horas passavam, a noite caía, e Márcia já se sentia melhor para voltar à “batalha”. O jantar da família, pelo que deu para perceber, era um tanto improvisado, sendo comprado com dinheiro dado por Márcia, cuscuz e ovo. Zequinha, o marido de Raissa, trouxe pão e refrigerante, assim, todos puderam jantar.

Aproxima-se a hora de Márcia começar o ritual realizado todas as noites antes de ir para a “pista”¹⁰. Ela separa a roupa e os acessórios, tais como: bolsa, onde ela levava várias camisinhas e pulseiras e brincos, para serem usados durante a noite. Ao definir o que seria utilizado, ela colocava tudo sobre sua cama, que ficava em um pequeno

⁹ A palavra “batalhar” é usada por muitas travestis para designar o ato de prostituir-se ou trabalhar como prostitutas.

¹⁰ Nome dado para o local onde as travestis e prostitutas fazem programa.

corredor que dava acesso à cozinha. Em seguida, jantava cuscuz com ovo em uma embalagem plástica de doce industrial junto com outros membros que moravam na casa, antes de tomar banho, pois, como ela mesma dizia: “Como primeiro, pra depois fazer o cheque¹¹”. A louça da casa resumia-se a um prato de vidro, várias embalagens de doce industrial, um garfo, uma faca e várias colheres com o cabo torto.

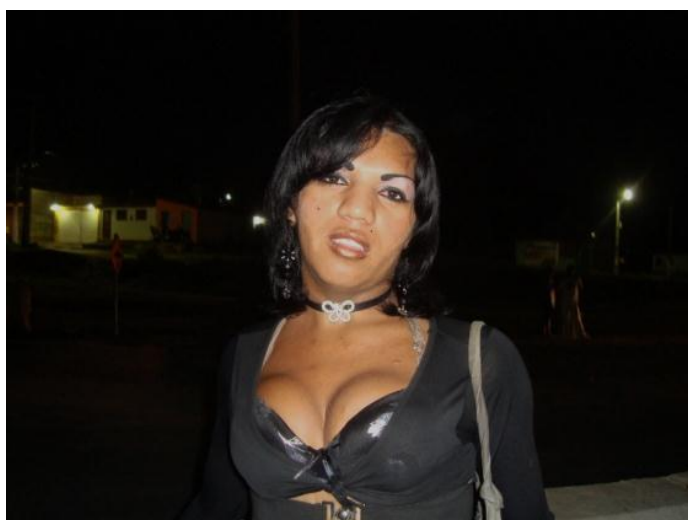
Após o jantar, Márcia realiza o cheque, retira a touca feita de meia calça e os frisos do cabelo e volta para maquiar-se. Ela deixa transparecer um pouco de nervosismo por não estar sozinha: “Eu tô borrando tudo, fico nervosa quando tem muita gente”. Para não atrapalhar em seu processo de embelezamento, voltei atenção para Raissa, que contava histórias que ocorreram na noite anterior, na qual havia brigado com o pai alcoolizado, que tentava bater em Zefinha, sua mãe. Raissa protegeu a mãe: “Avuei no pescoço dele, ele puxou meu cabelo. Bebo tem força, visse?”.

Entre uma história e outra de violência e pobreza narrada por Raissa, Márcia fica pronta. Saímos pela porta dos fundos da casa para que pudéssemos evitar o contato com Alberto, pai de Raissa. Seguimos passando por ruas estreitas e mal iluminadas do Bairro do Areal. Márcia cumprimentava algumas pessoas, em sua maioria homens, alguns a tratavam como se fosse uma conhecida de muito tempo. Ela sempre fazia aquele caminho praticamente na mesma hora, todos os dias da semana, para ir ao trabalho no Posto de Fiscalização.

Acompanhei Márcia até o lado do Fórum de Mamanguape, para que, de lá, ela fosse pegar carona até seu local de batalha. O segurança do Fórum, que sempre a cumprimentava, nesse dia, não o fez. Certamente, ficou constrangido por ela estar acompanhada. Há todo um ritual religiosamente realizado por Márcia, todos os dias antes de sair à noite. Para fazer programa, põem-se bela e cheirosas. Ela não levava para a rua, extensão de suas práticas privadas, problemas ou angústias que acumulou durante o dia, ao contrário, usava todo seu charme e poder de sedução com os clientes. Chegando ao viaduto que separa Mamanguape em duas partes distintas, Márcia permitiu que fossem tiradas algumas fotos. Enquanto ela dava “close” no viaduto, alguns garotos que transitavam de motocicleta gritavam palavras ofensivas, pelo fato de Márcia ser travesti.

¹¹ “Cheque” é uma expressão usada por muitos gays e travestis para designar a limpeza anal, evitando resquícios de fezes no ato da penetração masculina. Outro termo utilizado é *chuca*. Já a expressão “passar cheque” refere-se justamente aos resquícios de fezes que se pode deixar no pênis quando da não limpeza intestinal.

Prancha 2: Fotografias tiradas no viaduto na Cidade de Mamanguape. – Primeira vez que saio com Márcia pelas ruas de Mamanguape, até o ponto de carona, no final do viaduto. –



Mamanguape 2009

1.3.2 Casamento e família

Márcia narrou, com um pouco de vergonha, como conheceu seu primeiro marido: ela relatou que ainda morava em Mataraca e catava manga pelos sítios da região para vender na feira, enquanto ele vendia pão de casa com entrega em domicílio, usando uma moto. Um dia, ele quase a atropelava com a moto, fazendo com que ela derrubasse as mangas. Quando ele parou para ajudar a catar, percebeu que ela era homossexual e “rolou um clima” e com um tempo foram morar juntos, no entanto, não deu certo por causa das brigas e ciúmes.

Mesmos com a infância pobre na zona rural de Mataraca e de se sentir excluída por seus familiares, Márcia não sentia raiva da família. Sempre quis estudar para ajudar os pais, e dizia que as duas coisas de que sentia mais falta eram: “acordar com aquele bafinho de boca e pedir a benção a minha mãe e a meu pai e estudar (...) a última vez que pedi a benção a meu pai, ele me amaldiçoou (...). Eu sinto falta do carinho de mãe, às vezes eu me sinto tão sozinha que deito na cama e choro”.

Ela também falava sobre seu relacionamento com as suas irmãs, que segundo ela, até agora estava tudo bem. Elas conversam, trocam conselhos e, comentava Márcia, o fato de levar presente para um e para outro ajuda na amizade dela com os familiares.

1.3.3 Morte de Márcia

Na capital do estado de Pernambuco, no dia 05 de dezembro 2009, Márcia foi assassinada, e seu corpo, encontrado em Jaboatão dos Guararapes/ PE. A morte de uma travesti nas ruas de Recife não é algo surpreendente, pois a capital pernambucana chama a atenção pelo alto índice de violência. O que surpreendeu foi o fato de ser Márcia a travesti. Depois de meses de pesquisa, ela sempre foi muito discreta, falava o necessário e, raras vezes, falava mal de alguém e, quando o fazia, era sempre no tocante à beleza ou ao comportamento. Mesmo quando saiu da casa de Raissa, ela nunca falou mal de Zefinha, dona da casa onde morou em Mamanguape. Querida pelos amigos mais próximos, solidária com a mãe e os irmãos, apesar de ter sido estuprada e posta para fora de casa quando era apenas uma criança de 12 anos porque gostava de usar as roupas das irmãs.

Raissa, amiga e algumas vezes companheira de “batalha”, com quem Márcia morou por cerca de três anos, a define como:

(...) uma pessoa que não bebia, não fumava e nem roubava os clientes dela, ainda eu não acredito que aconteceu isso com ele (...) Antes dela viajar, ela chamou minha mãe e deu umas coisas que ela tinha, olha a lembrancinha que eu tenho da minha amiga, [Raissa apontava para a sapateira com que Márcia a tinha presenteado] a cama, ela deu para meu sobrinho.¹²

Antes de sair de Mamanguape rumo a Recife, Márcia chamou a dona-de-casa Zefinha, para que pudesse doar os poucos móveis que tinha. A morte de Márcia foi uma perda muito forte para os familiares e a amigos, e até hoje os responsáveis pelo crime não foram identificados.

1.3.4 Recordações e o relato de uma mãe

Ao passar pela estrada que dava acesso à casa dos pais de Márcia, Raissa ia lembrando os acontecimentos em que ela e a amiga haviam passado juntas na “pista”, aventuras com clientes relativas à época em que faziam programa. Quando saímos da rodovia para as estradas de terra do sítio, as lembranças continuavam. Raissa chegou a mostrar um pé de caju em que as duas cantavam juntas uma música da Banda Calypso¹³, em seguida disse: “Andei tudo isso aqui com Márcia, pra pegar carro na pista, e de salto alto mais!” Passamos por um barzinho em que Raissa lembrou novamente da amiga, dizendo: “Márcia já ficou bêbada nesse bar, e ficava fazendo o êque, pra beijar na boca dos boyzinhos”.

Após andarmos por um caminho estreito e com muita areia, chegamos à casa dos pais de Márcia, muito simples por sinal: casa de taipa, com a frente branca, portas de madeira gasta, e com o nome PAZ escrita com tinta branca em uma das janelas. Ao lado da casa, havia um cachorro vira-lata acorrentado, que latiu muito para nós, e não saiu ninguém da casa. Com isso, concluímos que não havia ninguém lá dentro. Ficamos nos entretendo em um pé de árvore repleta de oliveiras, fruta que deixa a boca com uma cor lilás. Logo após a nossa chegada, Silvana Nascimento, a minha orientadora, vê alguém se aproximando de onde nós estávamos. Raissa olhou para as pessoas e disse: “É a mãe de Márcia”, que veio logo ao nosso encontro. Raissa nos apresentou, falando nossos nomes: “Essa é Silvana e essa daqui é Verônica, são minhas amigas e de Márcia”.

¹² Conversa informal na casa onde Raissa mora com a família no bairro do Areal na cidade de Mamanguape- PB no dia 17/12/2009.

¹³ Doce mel, composição de Edú Luppa.

Tequinha, como é chamada, saiu chorando para abrir a porta da casa, sem dizer uma palavra. Comecei a pensar que tinha sido uma má ideia ter ido conhecê-la.

Aos poucos, Silvana e eu nos aproximamos da porta da frente, e Raissa nos convidou para entrar: “Pode entrar, chega!” Silvana disse que não queria causar transtorno, o que foi replicado com: “Entre minha filha, sente aí”, partindo de dona Tequinha. Ao entrar na casa, logo pude ver duas fotos de Márcia, uma na parede e outra em um porta-retrato sobre a estante da sala. Acomodamo-nos no sofá da sala, ouvimos os relatos de uma mãe sobre a morte de um de filho o qual chamava carinhosamente de “Marquinhos”. Por não ter certeza absoluta do motivo da morte do “filho”, dona Tequinha levantou a hipótese de ter sido uma “armadilha” para “pegar” seu filho.

Ela falava de Márcia com muito carinho e pesar. Quando Márcia chegava em sua casa, fazia-se anunciar de longe. Chegava, colocava a bolsa no chão e enchia a mãe de beijos e abraços, sempre trazia consigo presentes para a mãe e as irmãs. “Ela quem me dava calcinha, sutiã e sempre trazia um presentinho para as irmãs”: Patrícia e Joara. Tequinha nos contou que Patrícia era a irmã que menos gostava do jeito de “ser” de Márcia e era a que ganhava mais presente. Certo dia, quando perguntei a Márcia se os presentes que ela levava para suas irmãs contribuía para a convivência com elas, a resposta foi sim. Muitas vezes, presentes dados por travestis é uma forma de conquista, seja de namorados, maridos ou familiares.

Entres as inúmeras histórias contadas por Tequinha sobre a relação dela com a “filha”, é narrado o dia do seu aniversário.

Ele ligou e disse que ia fazer uma surpresa, depois disse que tinha sido roubado, levaram 80 reais dele, no dia do meu aniversário ele nem veio, mas “adepois” quando dei fê, ele chegou com um bolo desse tamanho [pôs as mãos uma ao lado da outra, medindo aproximadamente 40 cm](...) eu tenho 17 filhos, nenhum deles bateu um bolinho no meu aniversário, só Marquinhos.

Tequinha falou sobre a angustia que sentiu sexta, sábado e domingo, fim de semana em que Márcia foi brutalmente executada: “Mãe sente as coisas, eu pedi tanto para ele não ir, para voltar pra casa!” Relatou também que às vezes sente o cheiro do perfume de Márcia.

Entre os pertences que os pais de Márcia conseguiram reaver, encontra-se uma faixa de Miss Capim e uma coroa de bijuterias brilhantes, que guardava com muito carinho dentro de uma caixa de sapatos. A estante da casa de Márcia é ornada com dois troféus, ganhos por “ela” em concursos de beleza, que são eles: Miss Gay da cidade de Capim e de Salema, distrito de Rio Tinto-PB. Eram onze e meia da manhã, e dona

Tequinha não tinha posto nada no fogo para o almoço. Despedimo-nos dela e fomos gentilmente convidadas para voltar mais vezes.

1.3.5 Histórias análogas entre travestis

A história de Márcia não é diferente das muitas travestis e transexuais do Brasil, a exemplo de Adriana, 21, criada nas ruas de Recife, travesti etnografada por Kulick (2008) em Salvador, abusada desde a infância, neste caso, pela mãe prostituta. As histórias de ambas, em muitos momentos, se confundem, pois, aos 12 anos, quando apareceu como travesti, foi posta para fora de casa de forma violenta, cabendo a ela levar apenas as roupas em um “saco de supermercado.” Muitas travestis, em qualquer parte do Brasil, não escolhem deixar a casa onde residem com familiares, mas são postas para fora de maneira agressiva por serem consideradas causa de vergonha aos familiares. Seja como for, sair de casa é um marco para a construção de um corpo mais feminino, o que, em alguns casos, leva a deformidades e, algumas vezes, à morte.

Até o presente momento, a família de Márcia não tem notícias sobre os agressores e assassinos da jovem travesti nas ruas de Recife. Parafraseando Maria Giacomazzi (2000), sua família, na verdade cheia de meandros, que indica uma trajetória onde o medo, a violência, a justiça e o destino são categorias que constantemente transcorre em suas relações sociais. Segundo Carrara; Vianna (2006, p. 237) “de modo geral, portanto, a baixa resolução dos casos de execução parece ser condicionada por um conjunto de fatores, entre os quais gênero e classe social, que se combinam para colocar as travestis entre os grupos socialmente mais desfavorecidos.”

As únicas informações que se têm sobre o que teria ocasionado o assassinato de Márcia foi o fato de ter oferecido ajuda para outra travesti que estava sendo esfaqueada na mesma avenida em que ela se encontrava. Márcia não teve tempo suficiente para interiorizar a atitude *blasé* própria das metrópoles, ela ainda estava imbuída de características interioranas, onde a violência sofrida pelas travestis, por mais frequente que seja, e é o que acontece, é notada, onde os sentimentos de solidariedade estão presentes, mesmo que seja para chamar ajuda.

Sobre a influência de Goffman, Gilberto Velho (2000, p. 18) diz que “os papéis são diversos, os contextos diferenciados e o anonimato é uma situação, em princípio, típica de grande cidade em uma sociedade complexa moderno-contemporânea”. Como pode ser notado em outras etnografias sobre travestis que se prostituem, (PELUCIO,

2009; KULICK, 1998; ALBUQUERQUE; JANNELLI, 1995) as travestis, tanto em cidades de grande porte contemporâneas, quanto em aldeias indígenas do interior da Paraíba, não passam despercebidas, são reconhecidas pelas outras pessoas e que muitas vezes as estigmatizam.

Estar travesti, sentir-se mulher, nunca foi um tarefa fácil para Márcia. Desde criança, teve que lidar com a violência dentro e fora de casa, o que a fez trilhar vários caminhos, e um deles a levou para o auge da agressividade e da intolerância humana, fazendo-a deparar-se com a morte nas ruas da metrópole pernambucana. Para Carrara; Vianna (2006, p. 245)

As travestis parecem ser particularmente vulneráveis aos crimes de execução. Isso se deve tanto ao envolvimento com a atividade de prostituição, que as coloca numa posição de maior exposição pública, quanto ao modo pelo qual a homofobia as atinge. Assim, há casos em que a identidade de gênero suposta da vítima, o fato de “ser travesti”, parece ser o fator determinante da execução - que assume as feições de um crime de ódio. Em outros casos a motivação parece estar associada a outras circunstâncias, como seu envolvimento com o tráfico de drogas ou em conflitos relativos a problemas quanto ao pagamento de “taxas de proteção” a cafetões ou cafetinas que controlam determinados pontos de prostituição de travestis.

Segundo relatório sobre a situação dos direitos humanos, na Paraíba, apenas em 2009, mais de 90 pessoas foram assassinadas e, dentre as causas das mortes, tem-se: esfaqueamento, tiro, estrangulamento, pauladas, pedradas, queimaduras e mutilação dos órgãos genitais. As informações foram coletadas por organizações não-governamentais, militantes de Direitos Humanos, coletivos populares e movimentos sociais, entre eles o MEL (Movimento do Espírito Lilás), Maria Quitéria (Movimento de Mulheres Lésbicas da Paraíba), entre outros.

CAPÍTULO II – TRAVESTIS: VARIAÇÕES ENTRE SER E SENTIR

O corpo se esquia de toda apreensão unilateral, porque ele é ao mesmo tempo o local de uma instrumentalização e de uma ritualização permanentes; uma unidade orgânica indecomponível, e um objeto cenográfico fragmentável; a origem de uma atividade contínua sob um certo aspecto, intermitente, sob outro etc. Claudine de France (1998)

Para o antropólogo Don Kulick (2008, p. 204), “as travestis não se ajustam bem no famoso e encarniado debate que se trava nas ciências sociais, e humanas em geral, construtivismo e essencialismo justamente porque elas são, ao mesmo tempo, essencialistas e construtivistas”. A crença em Deus e suas criações não são negadas na construção indenitária e corpórea das travestis, por isso elas “consideram que os machos são machos e as fêmeas são fêmeas em função dos órgãos genitais [...] a morfologia diferencial da genitália permite explorar (e situar-se em) diferentes possibilidades de gênero”, o que as caracterizam como construtivistas. Assim, neste aspecto, o gênero é delimitado pela posição assumida na relação sexual: ativo ou passivo, macho ou fêmea; em oposição aos órgãos genitais femininos que só podem *dar*, “o indivíduo no sexo masculino podem tanto penetrar quanto ‘dar’”, e nesta fluidez sexual possibilita que as travestis faça uso de diversos “espectros dos comportamentos sexuais e de gênero e a todo o espectro das subjetividades envolvidas” (*Ibidem*).

Entretanto, este trabalho parte da ideia do gênero como uma categoria histórica e socialmente construída, em que a identidade de gênero, na complexa gramática do desejo se refere a uma relação *não*-estável entre “sexo”, desejo, prática sexual e gênero (BUTLER, 2003, p. 39). Assim, no que tange às experiências das nossas colaboradoras, entendo gênero a partir de uma concepção nativa da travesti Karla (2010), para quem: um homem do gênero masculino jamais permitirá ser penetrado em suas relações sexuais. A atual perspectiva da travesti Karla ocorre, explica Don Kulick (2008, p. 228) porque “as travestis usam a palavra ‘homem’ com dois significados diferentes: 1 do sexo masculino (em inglês, *male*) – quando falam de si mesmo em contraste com a genitália e a “cabeça” (isto é, mentalidade feminina) e 2: homem (em inglês, *man*) falam de indivíduos do sexo masculino que apenas penetram durante o ato sexual”. O que as fazem atuar e se posicionarem “dentro de um sistema de gênero fluido e sutil (...) um sistema de gênero em que o fato de ser do sexo masculino não obriga o indivíduo a ser um homem”. (*ibidem*, grifos do autor). Portanto, a relação passiva e ativa delineia o

sentido do gênero, no qual o corpo transforma um dos pilares da sustentação da norma dos gêneros, (BENTO, 2006).

O processo de se tornar travesti no Vale do Mamanguape não é só a materialização do desejo de passar-se por mulher na sociedade em que vive. Há uma complexa relação entre as transformações corporais e a continuidade do corpo como “novidade”, ou seja, como atrativo para clientes por meio da prostituição. Márcia, travesti da cidade de Mataraca (PB), interior da Paraíba, relatou que a sua transição de “gayzinho” para travesti, está intimamente ligada à sobrevivência financeira, já que seu pai a expulsou de casa após saber que o filho era gay. Para ela: “aquelas pessoas que quando a gente passa fica falando coisa, eles pensa que a gente é assim porque a gente gosta; certo, tem umas que são assim por querem, mais nem todas”.

De acordo com Marcos Benedetti (2008), quando se fala em travesti, a primeira imagem que surge na mente é a de um homem vestido de mulher. Entretanto, esse homem que se veste com adereços socialmente entendidos como sendo de mulheres, não usa roupas femininas por invejar as mulheres ou por desejar ser uma. Karla nos explica que: “Às vezes elas [as mulheres] acham que nós usa roupa de mulher, é porque tem inveja, mas não, é porque a gente se sente bem!”. Usar roupas femininas é um divisor entre o estar gay e a transformação em travesti, geralmente as roupas usadas pelas futuras travestis, transexuais e transgênero são das suas irmãs ou da própria mãe.

Em conversa informal com a mãe de Márcia, constatou-se que o “filho” usava as roupas das irmãs às escondidas e saía para as festas nos sítios vizinhos, quando era ainda um adolescente. O sentir-se bem com acessórios entendidos como feminino é um ponto de fundamental importância para a construção da identidade travesti, mas isso não quer dizer que elas se sentam mulheres e desejam tornarem-se uma delas, ou mesmo, que esse processo de travestilidade não pode ser revertido. Os adornos tidos como próprios do gênero feminino estão estampados não só no corpo da travesti, mas no espaço físico que as cercam: bonecas, ursos de pelúcia, pôsteres de artistas, adesivos e mais também fazem parte do “ser” travesti.

Nessa linha de pensamento, podemos perceber que as formas femininas dadas a corpos biologicamente masculinos transcendem o desejo de ser mulher, para tornarem-se fonte de lucro e bem-estar financeiro, já que muitas das travestis não tiveram o apoio da família e foram expulsas de casa quando eram apenas adolescentes, deixando de estudar, não alcançando a instrução básica necessária para se inserir no mercado de trabalho formal.

2.1 Variações travestis

De acordo com Hélio Silva, (2007, p. 182) “parece que o travesti assiste ao seu próprio nascimento e se diz pela primeira vez: sou menina. E toda sua vida será consumida na produção e proteção dessa menina, que reivindica para si todas as complexas aspirações de qualquer outra, inclusive a mais notável entre elas: tornar-se mulher”. Considero ser extrema tal perspectiva em que a vida da travesti será consumida pela busca e proteção da menina. Ser travesti não passa necessariamente pelo sentido de “tornar-se mulher”, antes é o sentir-se bem com indumentárias socialmente concebidas como do gênero feminino. É paradoxal a construção do ser travesti. Karla optou por ser travesti, porém não sente a necessidade da manutenção constante da mulher que frequentemente se imagina que a travesti busca.

Na minha opinião foi por opção [risos], eu não sou travesti de berço, não. Não sei se eu penso mais alto que as outras, sou diferente, mas eu mesmo não trouxe do berço. Quando eu vim ter relações com pessoas do mesmo sexo, eu já tinha relações com mulheres. Posso parecer mulher, ter voz de mulher, mas eu sou homem e saio normal com mulheres [para transar]. Olha, assim, na minha opinião, não sei na dos outros. Eu optei, até porque cada ser humano tem ou eu acho que tem, assim, capacidade, de experimentar de cada coisa da vida um pouco, só sabendo aproveitar o momento. Isso para mim é um momento, se der na minha cabeça virar homem, eu corto meu cabelo, arrumo uma mulher e pronto, normal (...) [risos] e uma coisa eu ainda penso em ser homem. (Karla)

Ao mesmo instante que Karla sente vontade de “virar homem”, deixa a impressão de que ela é mulher ou sente-se mulher, mas:

Não, jamais, em nenhum momento, eu me sinto mulher, não. Quando eu fico com um homem, a minha vontade é logo de penetrar ele, antes dele me penetrar, eu sou assim. Eu nunca deixei de ser homem, eu sou homem. Isso pra mim é só uma fantasia, no momento que eu quiser dispensar é só dispensar e pronto. Até porque eu nunca me senti mulher, não (...) penso em ter minha família, até por que eu já fui pai e voltar a reconstruir uma família.

A opinião de Karla é contrária a de com a de Raissa, que só pensa “em ser mais mulher daqui para frente, eu já acostumei, *eu me sinto mulher*. Eu quero assim... Uma pessoa que tome conta de mim do jeito que eu sou. Assim... Igual uma mulher normal, eu quero é ser mais mulher daqui para frente”. Mas o sentir-se mulher por parte de Raissa cessa no momento que ela se vê na posição de ativa no ato sexual com seu marido, que por não assumir uma condição ativo o tempo inteiro, aflora o ciúme entre o

casal, que se torna “duas vezes maior do que um homem por uma mulher”. Isso repercute entre outros casais de travestis e seus maridos ou namorados.

Karla foi a primeira homossexual que se transformou em travesti em sua comunidade: “Depois de mim, vieram as outras, todas despeitadas comigo.” A maioria das lembranças de Karla estão ligadas à virilidade, tanto nas relações sexuais, seja com meninas ou com meninos, quanto nos momentos de lazer na aldeia indígena: “Toda vida eu tive cabelo grande, malhava, jogava de bola, meu negócio era lutar karatê, jogar de bola, meu pai era dono de um time de futebol, aí eu jogava”. Ainda adolescente, Karla foi morar com um homem na Baía da Traição, onde fez os cursos de computação e técnico em contabilidade. Segundo ela, foi o marido quem a incentivou a usar roupas femininas. Por outro lado, Karla também era constantemente ameaçada de morte pelo companheiro. Segundo nos contou, por vezes, seu companheiro chegou a apontar uma arma de fogo para sua cabeça. Por causa da convivência “muito ruim” com o companheiro, ela veio tentar a vida em Mamanguape, onde trabalha como prostituta.

2.2 Hormônio: benefícios e algozes para as travestis

Para Don Kulick (2008, p. 80), ao sair de casa, a travesti inicia uma nova etapa de transformação do corpo. “Elas começam a se ‘realizar’ como travesti”, a começar pela roupas cada vez mais femininas. As que não têm cabelos grandes deixam crescer ou fazem apliques; caso tenham condições financeiras, depilam o corpo, com especial cuidado em relação aos pelos da face, que muitas delas tiram de um por um, com o auxílio da pinça, é o momento também em que as descobrem e começam a usar hormônio.

O estudioso sueco, Kulick, fala brevemente sobre travestis em cidade pequenas – a julgar pelos relatos que obtive. Para ele, se a travesti, ao sair de casa e mudar “para uma cidade pequena, por exemplo, provavelmente arranjará emprego como doméstica. Em geral, trabalhará vestida de homem durante o dia, usando o nome masculino” (*ibidem*) Ao chegar “à noite, entretanto, usará roupas andrógenas ou femininas e frequentará a praça da cidade, onde grupos de bichas costumam se encontrar”, (KULICK, 2008, p. 81) para trocar informações e aprender com as mais velhas. Essa dinâmica social não foi registrada entre as travestis de Mamanguape, pelos menos não faria parte de seu cotidiano, muitas delas descansam durante o dia, após trabalharem como prostitutas, único meio de renda para a maioria delas.

Ao analisar as transformações corporais das travestis do Vale do Mamanguape, foi possível notar a precocidade com que elas são realizadas. A ingestão do anticoncepcional Perlotan®, um dos hormônios mais utilizados pelas travestis, é feita quando ainda são muito jovens, por volta de 12 anos, pois, para elas, “quanto antes melhor”, para dar ao corpo biologicamente masculino traços arredondados, para que fiquem com mais aspectos femininos, fazendo o corpo travesti se afastar de todas as manifestações unilaterais. Esse medicamento está constantemente sendo utilizado, objetivando-se o belo e os aspectos joviais, e o hormônio feminino é um grande aliado nessa busca, que geralmente acontece quando a travesti deixa a casa dos pais.

O antropólogo Marcos Benedetti (2008) menciona a importância e as contraindicações do hormônio para a transformação do corpo das travestis no Sul do Brasil, o que não se distancia das concepções empregadas pelas travestis no Litoral Norte paraibano. Esse múltiplo e acessível modelador de corpos (hormônio) tem seus benefícios e malefícios. Além de ser um marco divisor entre as travestis de fato, isto é, as de verdade, que se vestem de roupas femininas 24 horas e as transformistas, homossexuais masculinos afeminados ou não, que se vestem e se comportam como homens durante o dia e se travestem com roupas femininas durante a noite, seja para apresentações artísticas ou espaços sociais de lazer, entre amigos e conhecidos.

É também atribuído ao uso do hormônio, tomado regularmente acompanhado de vitaminas (sulfato ferroso, buclina, decadronal¹⁴) para não deixar o sangue fraco, segundo Karla, a redução do crescimento de pelos no corpo das travestis. Para Karla e Raissa (2010), o hormônio tomado de “3 em 3 dias, pra fazer efeito” define seus corpos, dando-lhes formas arredondadas, desperta sua “*parte feminina, a gente tá mexendo com o gênero feminino*”. Para elas, o ato de “gozar”, isto é, chegar ao ápice do prazer sexual com o parceiro ou parceira desperta o:

Desejo mais masculino... E a gente tomando hormônio, a gente não tem potência. O hormônio faz a gente perder a potência sexual. Com essa perda de potência sexual, a gente vai ficando cada vez mais feminina. Peito cresce, perna engrossa, diminui os pêlos, afina a voz. O hormônio praticamente define a bicha todinha. (Karla, 2010)

Entretanto, eles também podem ter efeitos colaterais, principalmente se usados em grandes quantidades e por longo tempo. Para amenizar essas contraindicações, as travestis Karla e Raissa veem no gozo uma forma de manutenção do corpo.

¹⁴ Nomes de “vitaminas” indicadas por Karla, para evitar que o sangue fique fraco ou fazer a ingestão de hormônios.

A gente toma hormônio, assim, só que quando a gente não tá gozando, a gente vai ficar assim: com espinha, o nosso corpo vai estourar, porque a gente não tá jogando nossos espermatozoides pra fora [...] tem que gozar pelo menos duas vezes durante o mês ou uma vez durante a semana, tem que gozar, porque se a gente não gozar, vamos ficar como nosso corpo estourando. (Raissa, 9-10-2010)

Usar hormônios femininos vem acompanhado de uma série de restrições e medo por parte das travestis, entre elas a ejaculação, mal-estar físico, como dores de cabeça, náuseas, alergias, entre outros, algumas travestis têm receio de tomar hormônio e não poderem “virar homem” novamente e contam relatos de travestis que agora são evangélicos, ou simplesmente, cortaram o cabelo, trocaram a saia por short e “saíram da pista”.

2.3 Mudança de cenário: entraves e mobilidade

Esta pesquisa foi construída, em grande parte, no âmbito privado: em salões de beleza, casas e quatinhos alugados pelas travestis. Apenas depois de quatro meses indo a Mamanguape tive a oportunidade de ir à rua com Márcia, como relatado nos tópicos anteriores. Um dos principais motivos para que a pesquisa acontecesse em sua maior parte no espaço privado é o fato de que quase todas trabalhavam a noite inteira e passavam o dia descansando, além disso, algumas eram casadas com parceiros ciumentos, dificultando a circulação delas pelas ruas durante o dia. Ainda assim, outro fator dificultava a minha possibilidade de circulação com elas pelas ruas, esse fato por muito tempo me foi ocultado: o fato de eu ser uma mulher, a quem elas enxergavam como sendo “racha”, “bonita”, heterossexual e até mesmo “inocente”, a quem os homens iriam desejar, ou pior, que inibiria os homens de se aproximarem delas. Por isso, nunca me foi dada a oportunidade de acompanhá-las de suas casas para uma festa.

Durante o período de abril de 2009 a agosto de 2011, houve algumas mudanças no cenário pesquisado: Karla, Márcia e Raissa, mudaram-se de residência. Meses depois, Karla casou e mudou-se com seu marido para um quatinho ao lado da BR 101, e, em seguida, Márcia deixou a casa onde morava com Raissa e sua família já há cerca de três anos e foi morar em um quatinho vizinho de Karla. Mais tarde, ela mudou-se para Recife, onde fatalmente foi assassinada. No processo de mobilidade, entre uma mudança e outra, tive a oportunidade de circular mais pelo pedaço onde as travestis residiam.

Prancha 3- Interior da casa, onde Raissa morava com mais duas travestis. –Fotografias tiradas a pedido de Raissa ao longo da pesquisa, para mostrar a decoração de seu quarto.



2º Casa habitada por Márcia, Karla e Raissa e sua família, Mamanguape, 2009

Ao fazer o “circuito” entre a casa de Raissa → salão de beleza → quatinhos de Márcia e Karla, acabei encontrando Brenda, travesti que passou a caminhar comigo pelas ruas do bairro do Areal durante o dia, tornando-se uma grande aliada para que eu passasse a circular nos espaços de algumas travestis. Conversávamos bastante durante as nossas caminhadas, uma vez que Brenda não gosta de ficar parada em um só lugar. Logo ela disse que ia à casa de Nequinho, que eu conheço pelo nome de Raissa, mas, antes de sairmos, Nando, cabeleireiro, comenta que havia passado por “Nequinho” e pensou “que ela era uma mulher de verdade (...) tá inchada”.

Brenda concordou com Fred e seguimos para a casa de Raissa. Durante o trajeto, minha acompanhante demonstrou o desagrado de visitar Raissa quando o marido dela está em casa: “Eu não gosto de ir na casa de Nequinho quando o macho dela tá (...) porque ele é besta, num deixa ela sair, nem conversar com ninguém”. Ao chegarmos, Brenda perguntou imediatamente a “Nequinho” se Zequinha [marido de Raissa] estava em casa.

Entramos pela porta da cozinha, onde havia uma panela no fogo de lenha, o que, provavelmente, seria o jantar da família. Ao entrar na casa, vi Neca, irmã de Raissa, com uma bela criança recém-nascida nos braços. Fomos para o quarto onde Raissa vive com seu companheiro. Ela pediu para que eu tirasse fotos “da minha menina”. Ela explicou que pegou um caixote de madeira de carregar verdura na feira, e faz um berço e pôs uma boneca que a cunhada dela havia lhe dado de presente. Ela nos falou sobre a sua habilidade com as mãos: “sei fazer de um tudo um pouco com as mãos (...) artesanato, bijuteria, costura”. Ter uma criança em casa mexeu com a subjetividade feminina de Raissa, que produziu com as próprias mãos o que representaria “sua menina”.

Em seguida, Brenda e ela ficaram mexendo nas poucas maquiagens que estavam no quarto. A hora foi se passando e, após comunicar que teria de ir embora, Brenda se propôs a ir comigo. Quando saímos, ela me chamou para irmos até casa de Lara, uma amiga também travesti e depois ela me levaria até o ponto do ônibus “igual à outra vez”. Fomos à casa de Lara e, durante o percurso, chamávamos muito a atenção das outras pessoas, eu, pelo fato de não ser do lugar e possuir características tidas como bonitas, fizeram com que alguns homens expressassem desejos até mesmo de uma forma grosseira por mim. E Brenda, travesti que esta sempre pela região.

Prancha 4 - Berço e boneca ornamentados por uma travesti, após o nascimento de sua sobrinha. A boneca simbolizava uma filha para a travesti, que se sente mulher.



2º Casa de Raissa, Mamanguape, 2009

Ao chegarmos próximo à casa de Larissa¹⁵, ouvimos gritos que Brenda identificou como sendo uma briga de Lara com sua mãe, que não a aceitava como travesti. Por causa dos gritos, nem sequer chamamos por alguém e fizemos o mesmo percurso de volta. De volta, nós falamos um pouco sobre os namorados e como os relacionamentos entre eles se estabeleciam. Ela lembrou-se de um namorado que frequentemente a agredia. Lembro-me bem da primeira vez que encontrei Brenda no salão de beleza. Na ocasião, ela encontrava-se com marcas recentes de um corte no pescoço, próximo à jugular, e, ao olhar no espelho, pôs a mão no pescoço e disse: “Tô passada, ele quase me matava”. No momento de término da pesquisa de campo, o *ex-ocó* de Brenda estava em São Paulo-SP.

Muitas vezes, as travestis não medem forças com seus parceiros para defender-se das agressões físicas: “Eu sei que eu sou homem também, mas eu não tenho essas estúcia*¹⁶ de bater que nem ele”. Vale ressaltar que não é fácil a travesti se desvencilhar de seus namoros ou casamentos, em alguns casos algumas chegam a fugir de casa para outra cidade, por causa das agressões físicas e ameaças de morte por parte dos companheiros.

2.4 Entre a performance e a narrativa

Um dos métodos utilizados durante a pesquisa foram sessões de fotografias, para que, além do entretenimento, pudessem ser registradas as performances travestis, da maneira que elas achassem mais adequada. Deixei que elas escolhessem como gostariam que fossem fotografadas. Na maioria das vezes, elas optaram por poses sensuais, despidas ou com roupas íntimas. As fotografias da **prancha 5** foram tiradas no quartinho onde Márcia morava e que, na ocasião, ela estava dividindo com Natasha, travesti de João Pessoa que veio passar uns dias morando em Mamanguape para fazer programa no posto da divisa.

Ao chegar ao local da pesquisa de campo, vi o quarto de Márcia com a porta encostada e vozes vindo do quarto da Karla, entretanto, a porta estava fechada com corrente e cadeado para o lado de fora. Chamei por elas diversas vezes antes que pudessem me escutar, Márcia pôs o rosto pela fresta da porta e saiu ao me ver. Karla

¹⁵ Travesti assassinada no início de 2012, no posto fiscal da divisa PB/RN. Não tínhamos contato direto, mas, por ser amiga das travestis com quem eu sempre conversava, acabei sabendo dela.

¹⁶ “Estúcia”, palavra usada por Brenda, significa que não possui o jeito ou até mesmo a forma que alguns homens têm para se defenderem. Ou seja, significa “astúcia”.

também veio falar comigo e disse que havia brigado com o *ocó*¹⁷ dela e ele a tinha deixado trancada. Natasha, que há uma semana morava com as meninas, também apareceu pelo espaço que ficava entre a porta e a parede. Mais uma vez, a violência entre os casais.

Ao mesmo tempo em que fui pegar a bolsa com a câmera fotográfica e um tripé para apoiá-la no carro, Márcia saiu do quarto de Karla e, pouco tempo depois, as pessoas que estavam no quarto vizinho, Natasha, Brenda e Karla entraram no quarto de Márcia. Pelo fato de ter brigado com o *ocó* logo cedo, ela estava aparentemente nervosa e triste. Ela nos disse que “ele usou o amigo dele de isca para me acordar e me chamar pra fora, quando eu saí ele me pegou pelo pescoço e cortou minha mão e meu cabelo com um facão, se fosse só no braço ele não teria batido em mim (...) ele disse que se eu deixasse ele, ele me matava”.

O cabelo é uma indumentária importante na construção do feminino para as travestis, quando o marido de Karla cortou as pontas do cabelo dela com facão, deixou-a muito triste, pois, para ela, o cabelo é um elo entre o masculino e feminino, é tanto que, quando sente vontade de “virar homem”, a primeira ideia que lhes vem a cabeça é cortar o cabelo. No início do relacionamento, Karla ia buscá-lo “no cabaré e batia tanto nele, mas agora!”. Como podemos observar, Karla não é apenas passiva de violência, ela também a protagoniza. Não temos aqui uma relação de mocinha e vilão, mas sim, de duas pessoas que fazem uso da agressividade para demonstrar uma relação de poder. De acordo com Foucault (1997, p. 103), “o poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão”.

Quando Karla terminou de contar mais uma história que envolvia travestis e seus parceiros, eu disse para as meninas que havia trazido a câmera e o tripé para fotografá-las, caso desejassem. A resposta foi unânime quanto à aparência: “Eu vou tirar foto com essa cara?”, ou “Eu tô feia!”. Mesmo tendo sabendo que elas não estavam muita vontade de serem fotografadas, fui montando o tripé, e Natasha mencionou que seria uma “desfeita” se elas não tirassem fotos. Confesso que não era a minha intenção coagi-las a posarem para mim. Natasha perguntou se eu esperaria que elas se arrumassem. Concordei.

¹⁷ Significa homem, muitas vezes as travestis referem-se aos seus companheiros como: o meu oco.

Enquanto Natasha estava se arrumando, nós conversávamos, e ela falou que era ex-usuária de *caticolete*, ou seja, craque. Contou também que já havia morado em Mamanguape e que fazia programa na Lagoa, em João Pessoa, mas agora havia mudado o perfil da clientela, passando para caminhoneiros. Natasha diz que, “na Lagoa, é carro pequeno e os caminhoneiros é carro grande”, essa é uma das distinções de se trabalhar no centro de João Pessoa e no posto de fiscalização. Já para Márcia: “Lá na Lagoa os homens que têm interesse vêm e para o carro, e os caminhoneiros a gente tem que se oferecer”. Na divisa, as travestis têm que usar mais de sua sensualidade, chegar o mais junto possível dos clientes em suas cabines. Natasha menciona as curvas que costumava ter, construída com um litro de silicone nos quadris e dois copos em cada seio, mas, com o uso da droga, ela ficou muito magra, mas, agora que “parou”, está engordando.

Karla foi ao seu quarto pegar um “vestido azul, longo e belíssimo” e voltou para pôr maquiagem, enquanto eu fotografava Márcia e Natasha. Mas, nesse momento, seu *ocó* chegou bêbado. Ele não entrou no quarto em que eu estava, mas o medo me tocou como algo inevitável, principalmente quando Brenda mencionou o fato de ele estar procurando o facão, que Márcia havia escondido em seu quarto. Karla foi ao encontro do seu companheiro. Minutos depois, ela entrou no quarto da amiga, pegou suas roupas e disse: “O sonho de tirar foto acabou” e saiu muito triste para o quarto – e não a vi por vários dias.

A sessão de fotos acabou acontecendo com Márcia e Natasha, ambas fizeram poses eróticas, características presentes nas fotografias das travestis, elas sempre desejam exibir seus corpos multifacetados, que se desvia de uma só compreensão, e uma maneira sensual e feminina, através de suas poses, elas deixarem seus corpos cada vez mais lascivos, demonstrando ser o corpo um instrumento ritualístico, que inspira luxúria.

Tempos depois, algumas das fotografias da sessão entraram na exposição: “Variações do feminino: bastidores do universo trans”, no ateliê no Nai, no centro de João Pessoa. Algumas fotografias produzidas em campo, como mencionado acima, foram apresentadas em uma exposição fotográfica coletiva, como parte de um projeto de extensão: “Variações do feminino”, da Universidade Federal da Paraíba. A exposição teve a curadoria de Paulo Rossi (fotógrafo) e Silvana Nascimento (professora de antropologia da UFPB), com fotografias minhas e dos mesmos.

Prancha 5- Sessão fotográfica com Márcia e Natasha, as quais fizeram parte da exposição fotográfica “*Variações do feminino: bastidores do universo trans*”. – Outras duas travestis estavam presentes, no entanto não foram fotografadas por estarem gongadas.



Mamanguape, 2009

Este projeto de extensão, iniciado em abril de 2010, teve como objetivo ampliar e fortalecer a luta no âmbito dos direitos humanos de travestis e transexuais da Região Metropolitana de João Pessoa a partir de oficinas, encontros e material visual que buscassem dar visibilidade ao universo trans na mídia, no âmbito universitário e demais setores da sociedade. Umas amostras das imagens estão publicadas no site www.paraibatrans.org.

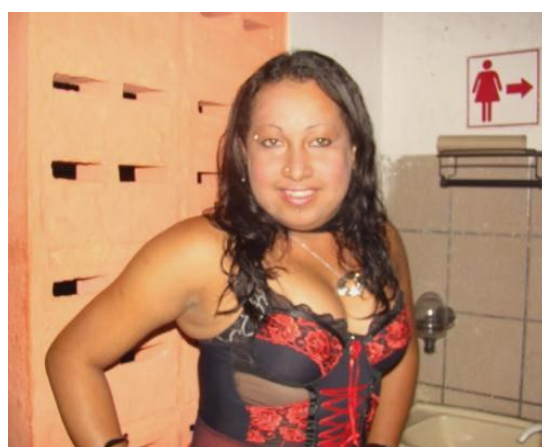
As travestis vindas de Mamanguape e eu ficaríamos muito felizes se Márcia, a protagonista das fotografias expostas, estivesse viva e pudesse ver as suas fotografias conosco. Márcia era muito querida. Por volta das 19h20min do dia 15 de setembro de 2010, as amigas de Márcia chegaram à exposição. Vieram de Mamanguape trazidas pelo taxista Dinho. Elas chegaram glamourosas, desceram na frente da galeria e eu tirei uma foto de Raissa nesse momento inédito de sua vida. Na parte de trás do taxi, encontrava-se Karla, que também era amiga de Márcia, as três moraram juntas, brigavam juntas, fizeram as pazes, e a dupla sofreu com a morte trágica da amiga.

Raissa e Karla se emocionaram ao ver as fotos de Márcia e confessaram ter medo de acontecer com elas o que houve com a amiga. Perguntavam-se para si, acaso lhes acontecesse o mesmo, seriam tão amadas quanto Márcia? Tentei acalotá-las, dizendo que eram muito queridas. Karla não estava se sentindo bem neste dia, alegou sentir dores de cabeça e que não conseguiu dormir o dia inteiro, *“e olha que eu gosto de dormir”*, ambas falaram que estavam com dúvida se viriam ou não para a exposição. Em seguida, narraram o momento em que Márcia *chegou* a elas, isso quer dizer: elas sentiram a presença de sua amiga falecida. Raissa conta como se fosse um pesadelo, não conseguia falar, nem chamar pela sua mãe.

Karla narra que, depois do almoço, foi se deitar e sentiu como se tivesse alguém sentando ao seu lado, sobre a cama, não soube explicar com precisão a sensação que teve, mas atribuiu a Márcia e ao ato de elas terem se esquecido de acender a vela para o espírito da amiga. Elas contaram que estavam vivendo uma coisa bem diferente, saíram da rotina, no entanto, vieram na condição de voltarem cedo, pois ainda tinham que *“batalhar”*, pela sua sobrevivência financeira.

Na volta para casa, Karla vem falando que *“as bichas”* são muito desunidas e que deveriam se unir, *“mas não, são a classe mais desunida”*, e essa falta de união entre elas dificulta a articulação das travestis na região do Vale do Mamanguape.

Prancha 6- Ateliê do Nai no Centro de João Pessoa. Exposição de fotografias: “Variações do feminino: bastidores do universo trans”.



João Pessoa, 2010

Entre outros assuntos, falamos sobre preconceito, e elas alegaram que preconceito em relação a elas [travestis] nunca iria acabar e que as “travestis também nunca vai acabar... Quantas travestis num já apareceu depois que Márcia foi morta? Um monte!”. Entre risos e conversas chegamos a Mamanguape. Elas não quiseram ficar em casa, preferiram ficar na BR 101, próximo à churrascaria Sombreiro. Desci para abrir a porta de Raissa, nos abraçamos, recomendei que se cuidassem e que Karla tivesse melhoras, já não estava de sentindo bem de saúde. Logo depois, cheguei a Rio Tinto, tinha sido um dia maravilhoso e muito cansativo.

2.5 “*Diague, racha*” - Travestis em Festa

Após a sessão fotográfica, as meninas começaram a falar sobre os festejos que dariam início a uma série de comemorações do aniversário de Mamanguape. A atração maior era a banda cearense Aviões do Forro. “Vamos fechar” na festa. Ao perceber as minhas sutis intenções de acompanhá-las à festa, a primeira palavra de Márcia disse foi: “Diague, racha, quando os machos te vê com a gente, vão querer pagar 100 ou 200 reais pra você”. Notei que não seria ético, muito menos construtivo forçar uma situação que não seria agradável para elas. Diferentemente do antropólogo sueco Don Kulick (2008), não tenho a mesma facilidade que ele obteve com as travestis de Salvador, no sentido de andar com elas de braços dados pelas ruas, festas e pontos de prostituição, pois sou “racha e bonita”, de acordo com a sua concepção de beleza.

O que acontece nas festas se torna assunto de pauta por vários dias entre as travestis. O show de Aviões do Forro foi, segundo Márcia, “maravilhoso, nós estava todas belíssimas, tinham tanta gente, era gente que não acabava mais”. A noite de descontração e lazer para as meninas cessou quando elas chegaram para descansar em casa, pois: “nessa noite entraram aqui [no quartinho] e no de Karla pra roubar (...), levaram um celular de uma colega da gente, até uma caixa de fósforos que tinha nas minhas coisas levaram. Ele tava procurando dinheiro”. Na maioria dos casos de furtos sofridos pelas travestis, não é feito o boletim de ocorrência na delegacia. Essa iniciativa própria das travestis se relaciona com o fato de que elas, muitas vezes, conhecem os ladrões e agressores e temem por represálias.

Prancha 7- Travestis em festas. Na primeira foto, entrada para a festa da padroeira de Rio Tinto. Nas fotos seguintes, encontro com Karla e Raissa durante a festa. Na segunda foto, as meninas aparecem com seus “ocós” e, na última, com a pesquisadora.



Rio Tinto, 2011.

Márcia explica que não prestou queixas porque “a gente sabe quem é. É um marginalzinho que mora aqui atrás. Toda vez acontece isso com a gente, a gente é muito visada, todo canto que a gente mora acontece, eles entram para roubar”. Outro fato perceptível é a falta de credulidade com que a polícia irá investigar e punir os agressores. Costumeiramente, travestis, além de roubadas, são abusadas sexualmente e, quando não acontece de terem de ir ao hospital, a polícia não é comunicada.

De acordo com Helio Silva (2007, p. 62), “o travesti é assim. Desviante de alta visibilidade, atraindo para si todas as atenções,” foi o que houve com Greice, travesti que mora da Europa e veio para festa em Mamanguape com seus amigos, estava usando salto alto que a deixava mais visível ainda com seu quase 1,90 de altura, ela chamava atenção de homens e mulheres do evento festivo na cidade de Mamanguape. Ela vestia uma blusa preta de círculos brancos, gola alta e mangas cumpridas, calça colada, dando para perceber as suas pernas torneadas. Durante todo tempo que fiquei junto a Greice, pude perceber o que Bruna havia mencionado: “A gente é diferente das outras pessoas (...) porque quando a gente passa o povo fica olhando, cochichando”. Esse tipo de atitude do “povo” a que Bruna se referia é facilmente identificado quando há uma travesti por perto, ou simplesmente transitando pelo lugar. Isso se justifica pelo fato das travestis serem culpadas de “*um duplo engano*”:

Por um lado, se faz passar por mulher, sendo anatomicamente homem; não contente com isso, ainda mentindo sua genitalidade, ele não executa o papel de mulher passiva que propala, mas o papel de penetrador ativo que sua aparência desmente (PERLONGHER, 2008, p. 112)

Por serem desviantes da heteronormatividade estabelecida na sociedade, as travestis não passam despercebidas, nem mesmo na penumbra da noite e nem em meio à multidão dos festejos, pois “na noite nem todos os gatos são pardos”. Guiada pela minha intuição, resolvi ir até a frente do palco onde estava se apresentando uma banda de forró e, no mesmo instante em que cheguei às proximidades do palco, pude ver Raissa no meio de dois adolescentes. Ela dançava de forma sensual e, ao perceber meus olhares, ela vestiu um lindo sorriso e veio a meu encontro, abraçou-me, beijou minha face e disse as seguintes palavras: “Eu não acredito que tu tá aqui”. Em seguida, apontou para o lado da festa onde eu poderia encontrar Karla. Saí sem muita demora, pois não queria atrapalhar qualquer tipo de paquera ou trabalho de Raissa. Segui pelo caminho que ela me indicou, mas não cheguei a ver Karla e voltei para onde estava com Greice e seus amigos.

2.6 Parada LGBT no Litoral Norte

Júnior mora em uma tradicional aldeia da Baía da Traição e é um índio da etnia potiguara que faz mais do que lindas pulseiras, colares, brincos e cocares. Ele é militante LGBT na Baía da Traição. Depois de ter sido convidado para participar de reuniões promovidas pelos grupos que compõem o movimento LGBT em João Pessoa, despertou-lhe vontade de usar a sua homossexualidade como bandeira política e reivindicar para si e para outros homossexuais mais respeito na Baía da Traição. Ele nos relata que a ideia do movimento surgiu com a finalidade de ter mais apoio no processo de cobrança, educação da população para a diversidade e também para ampliar a circulação de informações sobre a violência homofóbica e campanhas de prevenção sexual. Na aldeia, segundo Júnior, “há muita restrição aos homossexuais, por causa da atuação da igreja católica e evangélica”. Ele nos contou que vem sofrendo homofobia no local de trabalho pela diretora da escola da aldeia vizinha.

A Parada pelo Orgulho Gay na cidade da Baía da Traição estava marcada para ter início às 16 horas de 14 de novembro de 2010. Ao chegar a hora marcada no local de onde a parada iria sair, próximo à Secretaria de Educação, estava um trio elétrico, com um rapaz convocando a todos para participarem da Parada Gay pela Diversidade Sexual. Os rapazes que estavam à frente da organização, durante a caminhada que saiu apenas ao anoitecer, por voltas das 19 horas, sempre alertavam sobre as doenças sexualmente transmissíveis e faziam distribuição de camisinhas para o público presente, conforme se solicitasse.

A Baía da Traição tem uma forte tradição carnavalesca, a exemplo do notório Bloco das Virgens, no qual os homens vestem-se de mulher, e as mulheres, de homem. E, para que a Parada pelo Orgulho Gay não fosse confundida com o bloco carnavalesco, os organizadores do evento enfatizavam que não se tratava do Bloco das Virgens, e sim de uma Parada pelo Orgulho Gay e que aquele era um projeto de conscientização sobre as doenças sexualmente transmissíveis e que tais patologias não provêm do gay, mas de qualquer pessoa que não faça uso da prevenção nas relações sexuais.

Entre os organizadores da I Parada pela Diversidade Sexual na Baía da Traição, encontra-se Júnior, filho de uma ex-liderança Potiguara da região e militante pela causa LGBT. O público era composto por algumas travestis, lésbicas, gays, muitos casais hétero com seus filhos pequenos, senhores com suas respectivas esposas, crianças,

Prancha 8 – I Parada do Orgulho Gay realizada na cidade de Baía da Traição, em 2010. Na primeira foto vemos Júnior e Flor; na segunda, à direita, Bianca; nas fotos inferiores, Morgana e sua mãe, durante a parada. Na última foto, Renato e Kelly (ao centro, de laranja e branco)



Baía da Traição, 2010

Prancha 9 – II Parada do Orgulho Gay, 2011, na cidade de Baía da Traição. Na primeira foto, momentos de concentração durante a Parada; à direita e abaixo, participantes durante o evento. Na última foto, Bianca e Hilary (atenção para as transformações no corpo de Bianca em relação à foto do ano anterior).



Baía da Traição, 2011

adolescentes e transformistas vindas de várias partes da Paraíba, que, ao passar caminhando pelas ruas, chamavam muita atenção, tanto das pessoas que acompanhavam na parada gay, quanto das pessoas que estavam bebendo e sentadas em cadeiras nas calçadas.

O percurso foi realizado a pé, acompanhado pelo trio elétrico até a praça central, onde iria acontecer o show de *drag queens*, mas foram impedidos por um grupo de pessoas que estavam bebendo em um bar e que não baixaram o volume da música de forró que estava sendo reproduzida por um paredão de som de aproximadamente dois metros quadrados. Mesmo após vários pedidos dos organizadores da parada, o som não foi cessado, fazendo com que o trio elétrico saísse da praça central, onde estava concentrado o evento e que fosse para o posto de gasolina na saída para as cidades de Marcação e Rio Tinto.

Ainda na praça central as drags foram anunciadas ao público da Baía da Traição, como se fossem de estados federativos diferentes da sua origem, entre eles, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Minas Gerais, com o intuito de, acredito eu, glamurizar o evento. Por alguns instantes, as artistas paraibanas tornaram-se “*outsiders*” em seu próprio estado federativo. Esse tipo de atitude leva à valorização das Drag Queens da região, que, em geral, são Drag Queens bonitas e talentosas, acionando mecanismos metropolitanos, como se na metrópole fossem encontradas as melhores e mais caras artistas.

Morgana, natural da cidade de Araçagi-PB, localizada na microrregião de Guarabira, e uma das travestis que prestigiavam a Parada Pela Diversidade Sexual. (observar **prancha 8**), havia residido e trabalhado durante cerca de dez anos na Itália, o que possibilitou a compra de uma casa à beira-mar há cerca de seis anos, onde atualmente mora com sua mãe. Em seu corpo, Morgana trazia várias cicatrizes, mas não perguntei como elas foram provocadas, pois estávamos em uma ocasião festiva e achei que seria inconveniente. Morgana tem 26 anos e ultrapassou a fronteira brasileira rumo à Itália aos 16 anos, com a ajuda de um passaporte falso. Além de sua mãe, estava acompanhada de outra travesti também de Araçagi, que havia deixado aos oito anos, ao partir para a Itália. Ao ser anunciada no trio elétrico pelos organizadores, Morgana tornou-se *européia*, vindo da Itália para a I Parada pela Diversidade Sexual. Entre as poucas palavras que Morgana proferiu ao público com sua voz rouca, expressava a satisfação de morar na Baía da Traição e, entre outras coisas, estava ali “para servi-los”.

Durante a Parada, também encontrei Kelly e Vanessa. Ambas ficaram juntas a mim durante o show das *drag queens* paraibanas e, de vez em quando, teciam alguns comentários sobre o evento. Quando Hilary, uma travesti da Baía da Traição, foi convidada a subir no trio elétrico, Kelly disse: “Essa é a marmota aqui da Baía” – tais comentários de desprestígio proferidos de uma travesti à outra são comuns de acontecer. Eu já havia conhecido Hilary, enquanto estava tomando banho de sol na “prainha” da Baía da Traição. Desde o início, Hilary foi muito simpática e atenciosa comigo, mostrando-se interessada e disponível para a pesquisa.

Pelo fato de o trio elétrico ser muito alto e pequeno para o show das *drag queens*, elas optaram por fazer o show no chão, fato esse que concentrou o público, não havendo muito espaço para que as outras pessoas pudessem ver. Observei que algumas *drags* foram assediadas por alguns rapazes, que passaram as mãos em suas nádegas e se comportaram de forma insinuante para as artistas. A parada gay foi finalizada no posto de gasolina, com as apresentações, entre elas, da ganhadora do Top Drag Paraíba 2009, Laysa Killary.

2.7 Aldeias indígenas: aventuras e descobertas

Diferentemente da maioria das etnografias brasileiras que estudam sexualidade em cidades metropolitanas, aqui proponho refletir os códigos e construções de identidade de travestis tanto em cidades de pequeno porte, como em aldeias indígenas e zonas rurais, ampliando, dessa maneira, os horizontes antropológicos que envolvem gênero e sexualidade, demonstrando que a travestilidade não é um fenômeno que se manifesta apenas em grandes centros urbanos. Em uma das vezes que fui a campo e conversava com Karla, Brenda e Márcia, comecei fazer junto com elas uma lista de nomes de travestis da região, foi então que Karla surpreendentemente mencionou, Vanessa e Kelly, duas travestis que moravam em uma aldeia da etnia Potiguara.

Dias depois fui procurá-las. Desci do ônibus com uma mochila nas costas e uma câmera na mão, para registrar o caminho que percorria. Não sabia o local exatamente onde as travestis moravam, mas sabia como chegava, e isso me parecia o suficiente. As travestis da aldeia são bem conhecidas, é tanto que, ao pedir para descer do ônibus na aldeia, um senhor que estava ao meu lado perguntou para onde eu estava indo. Respondi que ia para a casa de Vanessa, uma travesti, e o senhor respondeu: “Ele mora aqui perto, pode descer aqui e perguntar onde é a casa dele”. Em alguns momentos, tive que passar

por caminhos que estavam cheios de capim e ervas daninhas, confesso que senti o inevitável medo do desconhecido e do que estava por vir. O desconhecido, às vezes, é apavorante, e enfrentá-lo sozinho é uma das funções do antropólogo: fazer seu trabalho na solidão dos caminhos ainda não desbravados.

As casas da aldeia são relativamente distantes umas das outras, caminhei entre as veredas e pedi informação a duas senhoras e continuei caminhando até encontrar “o barraco” com as características dadas pelas minhas informantes. Avistei uma casa de taipa fechada, cor de rosa, entre árvores e coqueiros, com um jumento e um cachorro amarrado em uma árvore ao lado. Fui até a casa um pouco mais à frente e pedi novamente informação a uma garota que ouvia forró em alto volume. Por um instante, fiquei observando a fumaça que vinha da parte traseira da casa, supostamente provocada pelo tradicional fogão de lenha, característica de casas da zona rural. Após me certificar de que era na casa cor de rosa que morava a travesti Vanessa, voltei e bati na porta e chamei pelo nome dela. O cachorro latiu, o jumento relinchou, e ninguém apareceu. Definitivamente, Vanessa não estaria na casa onde me informaram que residia, junto com o companheiro, Roger.

Continuo desbravando a aldeia. A missão agora era encontrar a casa de Kelly, que fica no outro extremo da aldeia. Ao chegar lá, através de indicações dos vizinhos aldeões, a sorte se fez presente. Pude observar ambas as travestis de cabelos frisados que estavam na frente da casa de cor branca e calçada rachada; se tratava de uma casa simples, sem nenhum luxo ou algo parecido. Aproximei-me da casa e me identifiquei como aluna da Universidade Federal da Paraíba, do curso de Antropologia em Rio Tinto. Elas foram amáveis e simpáticas comigo. Comentei o fato de ter mandado um recado para Kelly através do site de relacionamento (Orkut), no qual ela já havia feito uma breve pesquisa na minha página de relacionamento e descobriu que sou natural de Monteiro-PB, e perguntou se eu conhecia uma travesti chamada Maria, que morava atualmente na Europa, respondi que não, e ela disse que havia encontrado com ela em Roma/Itália. Kelly falou de forma tímida sobre a experiência de ter vivido na Europa: “Foi ótimo, tô doida pra voltar”. Mencionou que em Roma havia dividido apartamento com Gil, travesti de Rio Tinto. Depois de uma longa conversa entre nós duas e uma vizinha, ela nos mostrou seu álbum de fotos tiradas na Europa, após vermos, ela me pediu para escolher uma foto, “para ficar de lembranças de Kelly”. Fiquei feliz pela lembrança e o carinho com o qual ela me recebeu. Ainda tenho a fotografia dela, fica em lugar privilegiado em meu quarto.

Prancha 10- Aldeia Indígena, a descoberta das travestis, no período da tarde.



Aldeia Caieiras, Marcação 2010

Em outras visitas à aldeia, mais familiarizada com o ambiente e com as minhas pesquisadas, pude fazer uma entrevista com Kelly, onde ela falou sobre a experiência de ter vivido na Europa, os desafios e os prazeres que sentiu no velho mundo. Quase nada falou sobre a infância, foi bem sucinta nas respostas que diziam respeito a sua adolescência, quase não nos falou sobre sua transformação, limitou-se a dizer que, de início, era gayzinho e que rapidamente se transformou em travesti por sua própria “intuição”, e que teve conhecimento do uso de hormônios para delinear o corpo através de amigas de Rio Tinto e Mamanguape. Na adolescência, sofria discriminação por parte de seu padrasto e sentiu-se coagida a sair de casa. “Saí de casa e tudo, acho que eu tinha de treze para catorze anos, quando eu saí de dentro de casa [...] aí, eu fui morar com minha vó, depois saí da casa de minha vó, fiquei morando sozinha na casa de um amigo meu, depois que eu vim pra aqui”. A partir dos treze para os catorze anos, Kelly já se identificava como travesti. Segundo ela, os seus irmãos nada faziam para que ela mudasse de comportamento, “sempre ficaram na deles”.

Em conversa informal com Vanessa, ela nos falou um pouco sobre a região que, segundo ela, era ruim de emprego e que antigamente ela trabalhava em um bar, mas a dona havia viajado e passado o bar para outra pessoa. Foi o tempo em que ela casou e parou de trabalhar. O bar era um cabaré, “na época eu andava toda arrumada em cima dos salto alto”. Mas agora ela havia “relaxado” (deixado de cuidar da aparência), depois que casou. Ela também falou que, na safra de mangaba, fruta típica da região, ninguém a encontra em casa, pois ela passa o dia inteiro nos pés de mangaba, catando frutas para vender e que, do mesmo jeito, é na safra de castanha de caju.

Na mesma aldeia, tive contato com Suzi, travesti muito simpática que mora e trabalha em Salema, zona rural de Rio Tinto. Suzana trajava um short sumário e óculos escuros, unhas feitas e sobrancelha delineada, cabelos longos e negros. Em meio a conversas regadas a muitos risos e relatos de violência e ciúmes no relacionamento com seu companheiro, Suzana falou de modo cômico sobre a “tijolada” que sofreu do ex-companheiro. Segundo nos conta, uma enfermeira quis raspar sua cabeça para poder fazer o curativo, mas ela não permitiu, pois, para ela, o cabelo era característica de sua feminilidade.

Mesmo sendo amigável a relação entre os aldeões e as travestis, há certa discriminação, segundo Vanessa, que cita o exemplo de vagas nas escolas do ensino médio, que “as mulheres bota o nome de outras pessoas e não bota o da gente (...) aqui é pequeno mais tem gente ruim”. Por morarem em uma reserva indígena, tanto Kelly

quanto Vanessa, assim como os outros indígenas, recebem uma cesta básica da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que é distribuída pelos caciques de cada aldeia.

Ainda desvendando o universo trans nas aldeias, em uma das incursões a campo, pude conhecer Mara, a mãe de Karla. A família, composta por Mara, o marido e os filhos, exceto Karla, mora em uma das 32 aldeias indígenas do Litoral Norte. Por ser muito conhecida na região – onde morou até se aventurar pelas “pistas da prostituição” –, não foi difícil encontrar a casa onde Karla passa os fins de semana com sua família. Casa simples, de cor verde, chão pisado, paredes tortas, telhado baixo, portas gastas. Durante alguns meses, Karla nos contava que estava indo sempre à aldeia, porque estava construindo uma casa para ela morar e, com isso, poder voltar a estudar, pois seu sonho era fazer um curso de Ciências Contábeis.

Como nos conta Mara, ela passou uns dois anos no Rio de Janeiro e, ao voltar para casa, Karla já estava “usando saia; eu até quis estranhar, mas fazer o quê?”. No início da transformação de Karla, seus pais não concordaram, mas não puseram o filho para fora de casa, como acontece com várias travestis (2008). Segundo Mara: “Não tinha por onde, ele tem todo jeito de mulher: as pernas grossas e a bundona”. As características femininas de Karla fizeram com que os seus pais a aceitassem da maneira que ela gostaria de ser vista na aldeia onde morava, pois seria “pior se ele tivesse jeito de homem, mas num tem, parece com uma mulher”. Karla contribui para a renda familiar: “Ele vem sempre aqui e sempre da uma ajudinha a nós”. Dona Mara não sabe explicar com exatidão qual é o trabalho que “o desmantelado” faz, “ele diz que vai pra pista, num sei que danado de pista é essa, mas também aqui é tão ruim de emprego”. Além da ajuda financeira oferecida por Karla, à família tem como renda monetária a pesca de marisco e camarão no mangue que fica na frente de sua casa, na aldeia indígena.

2.8 Visualidades Travestis

Não existe, a meu ver, fotografia que não seja, por essência, antropológica. Etienne Samain

Entre os anos de 2009 e 2011, tive quase sempre uma câmera na bolsa pronta para ser usada, sempre obedecendo às restrições impostas pelas as travestis que faziam parte desta pesquisa. Informo que as fotografias aqui expostas, não obtinham em sua gênese um propósito visual, inicialmente as fotos foram pensadas apenas como método

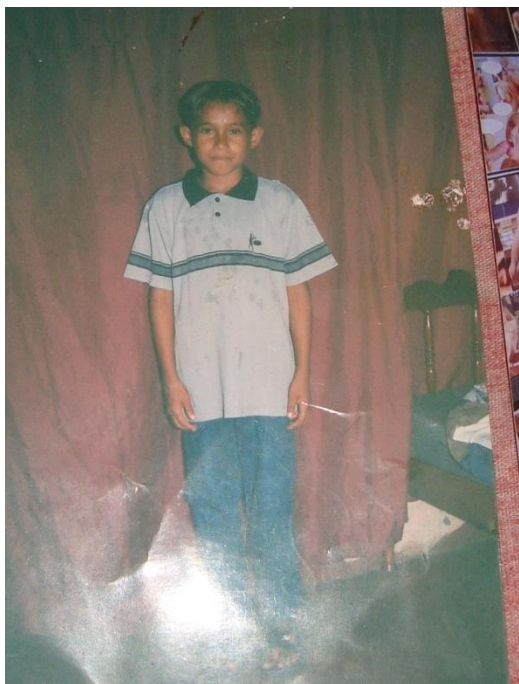
de pesquisa, que tinha como principal propósito favorecer a interação na pesquisa. As fotografias produzidas em campo só foram pensadas a partir de uma visualidade antropológica, isto é: representatividade da realidade social, após a escolha entre uma das habilitações oferecidas pelo curso de Antropologia. Ao escolher pela “Antropologia visual”, tive que pensar em uma produção visual que atendesse aos requisitos exigidos para a habilitação, consistindo na realização de uma produção imagética em ação mútua com o texto escrito.

Em campo, eram frequentes conversas que remetiam ao passado, passado de transição do adolescente em *bicha* feita pelos os hormônios, e essa transição é registrado não só na memória, mas também nas fotografias, muitas vezes marcadas pelo erotismo. Com isso, pude perceber a importância do registro da fotografia entre elas, e então propus realizar sessões de fotografias, em que o corpo nu era o principal alvo das travesti, quando se falava em tirar foto, ouvia-se: “Ah eu quero tirar nua!”. O processo de negociação ocorreu mediante certas ressalvas, dentre as quais, não fossem fotografadas quando estivessem “gongadas”, isto é: desarrumadas ou desajeitadas. Em suma, elas, em tempo algum, permitiram ser fotografadas em momentos que não estivessem “*posando*”, vestidas ou propositadamente despidas, arrumadas, maquiadas, ajeitadas e aptas para o “clique”, o que nos levar a crer que a posição que a travesti expressa na imagem, também é constitutiva de uma identidade feminina.

Nas fotografias de pose, e nas condições em que as travestis se colocam ao posar, podemos observar uma postura feminina em busca do belo, que elas estão a procura quase todo o momento. De acordo com Carrijo, (2012, p. 528) “a pose não se configuraria apenas como elemento estético ou imperativo técnico, mas relaciona-se intimamente com a noção de identidade do sujeito”. Acrescentando Sontag (2004, p. 28), “as fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la – e pode ajudar a desenvolver uma posição moral ainda embrionária”

De todo modo a foto é um vestígio da realidade social, que pode *não* criar uma “posição moral”, mas pode fortalecê-la, isto é: através das fotografias, as travestis demonstram um conjunto de regras a serem seguidas, entre as quais: a postura, condições em que se encontram e a ocasião em que são clicadas devem ser levadas em consideração. Segundo Sylvain Maresca, (1995, p. 326), “a fotografia opera para realizar imagens, o antropólogo para melhor pensar o que vê”, e o que enxergamos vem acompanhada de uma carga de subjetividades, construídas através das experiências de

Prancha 11- Fotografias como instrumento de memória e transformação do corpo – Raissa em um momento de transição e descobertas, onde o erotismo marcava essa etapa de sua vida, não só no corpo, como também das paredes. Olhar com atenção a fotografia à direita. (foto da foto)



Mamanguape, 2009

vida dos próprios indivíduos que enxerga a imagem, e por tais fatores é de suma importância que elas venham acompanhadas de um texto escrito, para melhor direcionar o olhar do espectador, com intuito de transmitir o que se deseja através das fotografias.

Assim, podemos entre outras coisas, interpretar as fotografias posadas das travestis como uma afirmação de representatividade feminina, “decalcada” da mulher, ou a afirmação de uma performance feminina que se traduz para além da aparência e contornos de seus corpos, ela também se afirma por meios das cores, da mobília da casa, dos desejos e das experiências de vida, podemos observar as **pranchas 3 e 4**, onde o espaço privado de Raissa é exposto, nele é acionada não só um feminilidade, mais uma infantilidade, se olharmos atentamente para **prancha 6**, podemos observar que o uso de espaços, próprios para o feminino, como o banheiro, é usado por Raissa como forma de manifestar sua subjetividade “menina”.

EM BUSCA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na etnografia realizada por Marcos Benedetti (2005) com travestis de Porto Alegre, ele destaca que a maioria das famílias das travestis com as quais ele teve contato durante a pesquisa, “tem trajetória das classes de baixo nível econômico”, mesmo que possa ser possível detectar algumas diferenças nos níveis de renda, “o histórico de privações materiais e trabalho intenso é uma constante na vida das travestis”. Mesmo sendo trabalhos etnográficos realizados com diferença local e temporal, pode-se perceber que as famílias das travestis, tanto em Porto Alegre, quanto no Litoral Norte da Paraíba, não se distanciam no que diz respeito a seus níveis econômicos.

Com Benedetti também aprendi que não podemos ir a campo com a ideia de captar informações e não deixar nada sobre nós, isto é, não estabelecer uma relação de troca. Fazer etnografia, antes de tudo, é um intercâmbio de informações. Uma vez tendo conhecimento sobre o intercâmbio, temos que dosar as informações que disponibilizamos sobre nós (pesquisadores), pois podemos involuntariamente mudar o rumo da pesquisa. Com o passar do tempo, principalmente na última festa da padroeira de Rio Tinto, notei que estava deixando de ser apenas a “racha” que fotografava as travestis, pois elas agora tinham uma câmera e gentilmente pediram para que eu saísse na fotografia junto delas. Deixei de ficar no “negativo”, no sentido de não ser revelada, para ser fotografada.

A maioria das travestis com que tive contato vive uma vida precária, não frequenta as escolas, mal sabe ler e escrever. Brenda não possui Registro Geral, Cadastro de Pessoa Física e não é alfabetizada. Há aquelas que foram para a Europa e conseguiram comprar casas confortáveis, carro, moto, montar um comércio e proporcionar uma vida melhor para elas e a família, mas são poucas que conseguem. Ainda assim, para a maioria, a prostituição, se não é o modo com que ganham a vida atualmente, foi o modo com que conseguiram acumular o que têm atualmente.

A respeito da prostituição, Karla ora transparece uma satisfação sexual ao narrar seu trabalho como prostituta, ora não. E o fato de ser “hormonizada” diminuiu a frequência de ejaculações por noite: “eu tomo hormônio e, hoje em dia, eu evito mais de gozar, mas meu pênis sobe normal. Tem essa loucura de quem toma hormônio o pênis não sobe, perde a potência sexual, eu não, eu nunca perdi a potência sexual”. Para Raissa, em virtude do hormônio injetado no corpo, seu pênis tem dificuldades de ficar ereto, diferente de Karla, Raissa não admite a possibilidade de relacionar-se

sexualmente com mulheres: “pode me dar o dinheiro do mundo pra eu ficar com uma mulher que eu não fico! Deus me livre, eu tenho nojo!”.

Sentir-se mulher, desejar incessantemente o sexo masculino, faz com que Raissa de fato busque a proteção e a manutenção de sua mulher interior, dando ao seu corpo formas cada vez mais femininas, mas isso não se aplica a todas. No que tange à experiência travesti, a prostituição como espaço de trabalho e sociabilidade não é apenas um meio de conseguir dinheiro, mas confere certo *status* a estas travestis, na medida em que elas não apenas são desejadas por seus parceiros, mas também têm esse desejo transformado em retorno financeiro por meio do pagamento dos serviços sexuais prestados.

No que concerne à relação com seus companheiros, elas (des)fazem com liquidez, em virtude de suas posições sexuais. No primeiro momento, são homens; com o passar o tempo, desejam ser penetrados pelas suas companheiras travestis, o que, para Karla, gera muita violência, pois as travestis passam a não querer esse tipo de relacionamento, desejando “o homem de verdade e a maricona não é um homem mesmo”. E separação gera violência física e simbólica entre o casal, associando-se ao medo de que suas namoradas contem para alguém que eles “também são”, (penetrados = gays). Até agora, segundo Karla, “todas as travestis de Mamanguape tiveram homens que são... Assim, com aparência de homem, mas quando estão em cima da cama são mais galinha que a gente [...] uma relação só não dá certo por causa disso... Depois eles querem ver a gente como homens deles, quer inverter”.

A violência é inegavelmente presente na vida das travestis no Litoral Norte. Quando não vem por parte da família, vem através do companheiro, dos clientes, assaltantes durante a madrugada e, às vezes, tudo ao mesmo tempo. Essa relação de violência se relaciona também à fragilidade ou característica pendular das suas relações afetivas e de amizades, ou como sugere Don Kulick:

Talvez a grande desconfiança mútua – e as práticas que a reforçam e perpetuam: fofoca, violência, roubo, traição, sedução propositada do parceiros, e outros, etc – resulta do fato que a travesti vive em um mundo violento., que não lhes oferece nada e lhes ensina que, se pretende sobreviver e prosperar, terão que agarrar cada oportunidade, mesmo que isso implique trair outras pessoas que nelas confiam e ajudam. Talvez essas práticas sejam pelo fato de que as travestis são tão discriminadas e desprezadas pelas pessoas que as travestis acabam internalizando esses sentimentos e reproduzindo-os contra si mesmas (1998, p. 61)

Essas interpretações assinaladas por Don Kulick se afirmam especialmente nas poucas relações de solidariedade entre travestis; em geral, o fator material ou a necessidade é o veículo promotor de laços, criando, destruindo ou reconstruindo as relações de amizade. Como confidenciou Raissa, em comentário após a morte de Márcia: “Ah, se minha amiga tivesse viva eu queria pedir desculpa a ela por ter sido falsa”.

Portanto, as travestis no Vale do Mamanguape vão construindo suas identidades, muitas vezes, a partir de uma auto-orientação e depois com a ajuda de amigas mais velhas –já bichas – transformam-se em travestis. Para essas pessoas, a subjetividade feminina expressa-se por meio de uma estética própria, com muitas curvas e roupas provocantes. Mas isso não é uma regra aplicada a todas, pois há as que se reconhecem como travestis sem abrir mão da sua subjetividade masculina, mantendo esporadicamente desejos e relações até mesmo sexuais com mulheres e buscando uma matriz heterossexual em suas práticas e visões de mundo.

O que as travestis demonstram em suas narrativas e experiências de vida é uma fluidez de identidade de gênero, ao expressar desejos de voltar a ser homem e o sentir-se mulher, e dos relacionamentos de socialização que há entre elas, pois, a todo momento, elas reconstroem e desfazem suas redes de relações e apresentam uma constante mobilidade por países, estados, cidades e residências na região. Injetar hormônio, usar roupas femininas e mover-se são ações que fazem parte da construção de sua identidade e composição de sua sociabilidade. Essa flexibilidade se apresenta também pelo fato de muitas usarem a prostituição como meio de renda. Afinal de contas, “tudo que é novo é novidade”. Outra possibilidade para a fluidez das relações sociais, apontada por Kulick (*ibidem*), é “porque a cultura travesti é, em larga medida, uma cultura individualista e jovem, produzidas por indivíduos que são jovens ou desejam permanecer jovens”, o que ancora o desejo de Karla de virar homem quando ficar velho, afinal, para ela, “travesti velho é feio”.

Esta pesquisa buscou percorrer os trajetos e histórias de vida das travestis da região do Litoral Norte da Paraíba. Buscamos, no decorrer desta narrativa, apresentar alguns elementos que se misturam no dia-a-dia de nossas colaboradoras: a construção do corpo, as relações de amizade, os espaços e momentos de sociabilidade, a violência e a prostituição, entre outros. Passeando entre a casa e a rua, os quartos e os palcos buscamos apresentar mais que fotografias, um texto social que aqui se apresenta numa relação foto e grafia, onde elementos visuais e verbais dialogam.

De certa forma, é um interesse de nossa parte deixar algumas lacunas que serão em breve preenchidas: o universo dos concursos de beleza e festas nas aldeias indígenas e rurais, a confluência da sociabilidade entre o urbano e o rural, a construção de manchas de lazer que não se resumem apenas às cidades, como também outras variações travestis que buscaremos desenvolver em breve na pesquisa de mestrado em Antropologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

Como nos aconselha Margaret Mead, “Cada diferença é preciosa, e deve ser cuidada com carinho”.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa:** depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1994.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transsexual. Rio de Janeiro: Ed Gramond, 2006.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Ed. Garamong, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRIJO, Gilson Goulart. Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa. In. **Revista de Estudos Feministas**. Vol.20, n.2. Florianópolis, 2012. p. 256-270.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B.. “Tá lá um corpo estendido no chão” - a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. In **PHISYS: Revista de Saúde Coletiva**. Vol. 16, n.2. Rio de Janeiro, 2006. p. 233-249.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. O Mal estar da ética da antropologia prática. In CERES, VICTORIA, et al. Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil. Niterói (RJ): Ed Universidade Federal Fluminense. 2004. p-21-32.

CASTRO, Josué Tomasini. **“Vá e conte ao seu povo”:** interpretações e mediações no trabalho antropológico. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 79-91, jan.-abr. 2008.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**, São Paulo: Ed Brasiliense, 1985.

_____. **Relativizando:** Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 1987.

DARBON, Sebastian. O Etnólogo e suas imagens. In SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo: Ed HUCITEC, 1998. p. 101-111.

DON, Kulick. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil, Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2008.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. [tradução Maria Appenzeller] Campinas-SP: Ed Papirus, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Ed Graal, 1997.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidades Urbanas**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2007.

GIACOMAZZI, Maria Cristina G. Medo e violência no contexto urbano: o caso de José. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 177-194, jun. 2000.

MARESCA, Sylvain. Refletir as ciências sociais no espelho da fotografia. In REIS, Elisa et al. **Pluralismo, espaço social e pesquisa**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1995. p. p. 326-339.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. In: Cadernos Pagu, V. 25: 217-248, Campinas, 2005.

_____. **Travestis brasileiras:** singularidades nacionais, desejos transnacionais. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro. Brasil. 2007.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis:** entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco.2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 15-29, jun. 2000.

ANEXOS

Anexo 1

Caracterização das colaboradoras de pesquisa

Nome	Idade (anos)	Natural	Ocupação	Escolaridade
Márcia (já falecida)	21	Mataraca-PB	Prostituta	Ensino médio incompleto
Raissa	20	Mamanguape	Prostituta	Ensino fundamental incompleto.
Karla	22	Aldeia	Prostituta	Ensino médio incompleto
Brenda	21	Mamanguape	Prostituta	Analfabeta
Fernando	29	Mamanguape	Técnico em enfermagem/ Cabeleireiro	Ensino médio completo
Rosangela	38	Mamanguape	Técnico em enfermagem/ Cabeleireiro	Ensino médio completo
Xuxa	45	Mamanguape	Cabeleireiro	Superior incompleto
Suzi	34	Zona rural de Rio Tinto	Secretária do lar	Ensino médio incompleto
Kelly	23	Aldeia	Dona de casa	Ensino médio incompleto
Vanessa	25	Aldeia	Dona de casa	Ensino fundamental incompleto
Hiraly	24	Baia da Traição	Estudante	Ensino médio incompleto
Grete	28	Mamanguape	Cabeleireira/ prostituta	Ensino médio incompleto.
Gil	42	Rio Tinto	Prostituta	Ensino médio incompleto
Junior	30	Aldeia	Auxiliar administrativo	Ensino médio completo
Cátia	42	Aldeia	Prostituta	Ensino médio incompleto